

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação

Ana Luiza Menezes Vieira

As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social

Belo Horizonte

2021

Ana Luiza Menezes Vieira

As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana de França Drummond

Belo Horizonte

2021

V658o Vieira, Ana Luiza Menezes
2021 As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social.
[manuscrito] / Ana Luiza Menezes Vieira – 2021.
86 f.: il.

Orientadora: Adriana de França Drummond

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 65-69

1. Idosos – Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Interação social – Teses. 4. Políticas
públicas – Teses. I. Noce, Franco. II. Boletini, Tatiana Lima. III. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional. IV. Título.

CDU: 159.9

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage / CRB 6 – 3132 da
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Figura 1 - Folha de Aprovação

30/09/2021 16:31

SEI/UFMG - 0907265 - Folha de Aprovação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA OCUPAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

"As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social"

ANA LUIZA MENEZES VIEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, área de concentração OCUPAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E INCLUSÃO.

Aprovada em 10 de setembro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana de Franca Drummond - Orientador

UFMG

Prof(a). Leônicio José Gomes Soares

UFMG

Prof(a). Luciana Assis Costa

UFMG

Belo Horizonte, 10 de setembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por Adriana de Franca Drummond, Professora do Magistério Superior, em 10/09/2021, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 3º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Leônicio José Gomes Soares, Professor do Magistério Superior, em 10/09/2021, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 3º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Luciana Assis Costa, Professora do Magistério Superior, em 30/09/2021, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 3º do [Decreto nº 10.743, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0907265 e o código CRC 2EE4DDE1.

Referência: Processo nº 23072.243161/2021-81

SEI nº 0907265

*Dedico este estudo à minha avó, Walzita de
Menezes Corrêa, (em memória).*

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento às mulheres que colaboraram com esta pesquisa, em toda a sua realização, de forma voluntária e gentil, com o compartilhamento das vivências cotidianas, pensamentos e sentimentos, especialmente à informante chave que generosamente possibilitou minha aproximação do universo da Vila Marçola e das participantes da pesquisa;

À todas as mulheres que participaram da estruturação teórica e da elaboração da pesquisa, especialmente à minha professora orientadora, Adriana de França Drummond, que potencializou esse estudo com seu olhar sensível e seu conhecimento especializado, comprometida e cuidadosa em minha construção como pesquisadora;

Às colegas e professoras do mestrado em Estudos da Ocupação/EEFFTO/UFGM por acrescentarem acadêmica e afetivamente em minha caminhada, e notadamente ao secretário Gustavo que contribuiu, com gentileza, nos trâmites burocráticos;

À minha mãe e ao meu pai amados e toda minha família que, como sempre, me apoiaram e acolheram no que eu precisava para a concretização desse sonho, principalmente ao meu irmão que foi fundamental na viabilização da pesquisa, transcrevendo todas as entrevistas com qualidade, responsabilidade e cuidado;

Ao meu companheiro querido que, com amor e presença, cuidou de mim e do nosso lar para que eu pudesse me dedicar a essa jornada acadêmica, acreditando sempre no meu potencial e sonhando junto comigo;

Às minhas amigas e amigos que me acompanharam nas horas de descanso, alegria, comemoração, angústias e desesperos;

Ao grupo de supervisão e a terapia que me instrumentalizam e contribuíram com minha serenidade e lucidez nesse processo;

Ao Ges.TO que ao longo de todos esses anos contribuiu com minha formação pessoal e profissional e se fez presente na concretização deste trabalho acadêmico;

Ao Seu Vizinho e às Vizinhas das C'antigas que me instigam em busca do conhecimento e contribuem para que eu seja mais consciente do meu lugar no mundo;

Ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação/EEFFTO/UFMG que viabilizou esta oportunidade, contribuindo com o desenvolvimento científico das ocupações do cotidiano, da profissão e de áreas afins.

PREFÁCIO

O objeto deste estudo surgiu de questionamentos da minha prática como terapeuta ocupacional no Projeto Social Seu Vizinho que desenvolve todas suas ações no Aglomerado da Serra/Belo Horizonte/Minas Gerais.

Fiz parte da fundação do Seu Vizinho, em 2014, ao iniciar sua história como um bloco de carnaval, desfilando dentro da favela. O Bloco foi criado por moradores e amigos e, desde seu primeiro desfile em 2015, cresceu tomando proporções inesperadas e gerando demandas que iam além de fazer o carnaval acontecer. Para que a bateria do bloco tivesse uma representatividade periférica, incluindo mais moradores que visitantes, oficinas de música foram ofertadas para crianças, jovens e adultos. Esses encontros naturalmente foram permeados por questões sociais, culturais, raciais, de gênero, educacionais e de saúde, catalisando processos de transformação e ampliando as ações do Projeto. Hoje o Seu Vizinho é considerado uma Escola de Artes Periférica e Livre que desenvolve várias atividades culturais, oficinas, apresentações, cursos e também produz eventos. Tem como objetivo, favorecer a inclusão social, promover a cidadania, diminuir as vulnerabilidades existentes, resgatar e fortalecer a cultura local.

Apesar da ampla atuação do Projeto, até 2017, não existiam ações direcionadas para a terceira idade. Diante da demanda da população local, da minha escolha profissional como terapeuta ocupacional e especialista em gerontologia e da parceria com a Marriene, professora de literatura, que também se interessava por movimentos direcionados à pessoas velhas, no final do referido ano, o grupo Vizinhas das C'antigas foi inaugurado: uma oficina específica para o público idoso.

Atualmente a oficina conta com a participação de aproximadamente 20 mulheres acima de 60 anos, diversas em suas singularidades e que também possuem características em comum: são idosas, negras, com escolaridade incompleta e baixa renda. Os encontros são semanais, com duração de 2 horas, sendo realizados no Centro Cultural Vila Marçola, um equipamento público da Fundação Municipal de Cultura, localizado no Aglomerado da Serra.

Na apresentação inicial do grupo, o repertório ocupacional individual foi compartilhado com superficialidade pelas integrantes e as escolhas das ocupações a serem desenvolvidas coletivamente foram e ainda são difíceis de serem feitas, demandando mediação. As ocupações elencadas como mais significativas até o momento são a dança, a música e a contação de

histórias. Observa-se boa adesão do grupo, interação e afetividade entre as participantes, mas o maior desafio tem sido quanto ao protagonismo das mulheres para tomarem decisões e se posicionarem diante de vários aspectos que permeiam seus cotidianos. Muitas vezes, se calam quando se deparam com a possibilidade da expressão de seus desejos e necessidades; se imobilizam frente à oportunidade de se reconhecerem como protagonistas das suas ações.

Os encontros me levaram a entender que não se trata de não quererem ou não saberem do que se ocupar. É anterior! Essa inquietação trouxe outros desdobramentos à tona: Como é a participação delas em outras ocupações do cotidiano? Essas questões se repetem em outros espaços? Como enfrentam as diversas vulnerabilidades que vivenciam? O que desperta o interesse delas? Do que gostam e não gostam de se ocupar? Quais significados dão para as ocupações que desempenham ou que deixaram de desempenhar? Gostariam de se envolver em novas ocupações?

Motivada pela busca desses entendimentos que inicia aqui esse processo de pesquisa, com a pergunta principal:

Como as mulheres velhas, da Vila Marçola, percebem suas ocupações cotidianas?

RESUMO

O envelhecimento populacional é um tema amplamente discutido na atualidade, diante do aumento da expectativa de vida e dos impactos do envelhecimento, principalmente nas camadas menos favorecidas socialmente. Este é o caso de mulheres, sobretudo negras, que envelhecem num contexto de classe social com menor poder aquisitivo, carecendo de políticas públicas e de diferentes iniciativas direcionadas às suas demandas. Esse Estudo de Caso tem como objetivo compreender a percepção de mulheres velhas sobre as ocupações em seus cotidianos em uma comunidade de vulnerabilidade social (Vila Marçola - Aglomerado da Serra/Belo Horizonte/MG). As participantes são 11 mulheres que atenderam aos critérios de inclusão de ser mulher, com 60 anos ou mais, e morar na Vila Marçola; e como critério de exclusão, possuir manifestações, autodeclaradas ou declaradas por familiares, de déficits cognitivos ou qualquer outro processo que implicasse na incapacidade para responder à entrevista. Foram utilizadas para a coleta de dados entrevistas semi-estruturadas e os resultados foram analisados por análise de conteúdo na modalidade de análise temática. Os resultados apontaram para a centralidade do cuidado no cotidiano das participantes, sendo apresentado nas seguintes categorias: (1) cuidado doméstico; (2) cuidado das pessoas e da comunidade; (3) cuidado de si; (4) Ocupações emancipatórias. O gênero, a classe social e a raça perpassam a trajetória de vida dessas mulheres, especialmente na imposição do trabalho doméstico em seus próprios lares e de forma remunerada. A aposentadoria e a participação na escola e em diferentes projetos de convivência inauguram possibilidades de fazerem escolhas ocupacionais balizadas pelo desejo de experimentar o que nunca tiveram oportunidade de acessar e ou de retomarem ocupações interrompidas. Conclui-se que várias ocupações realizadas ao longo da vida foram impostas de forma violenta, velada e naturalizada. No entanto, nos projetos de convivência, as práticas sociais experimentadas por essas mulheres na velhice, inscrevem a oportunidade de escolha, reafirmam e fortalecem a existência de movimentos disruptivos e emancipatórios protagonizados por elas.

Palavras-chave: Idosas. Ocupações. Cotidiano. Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT

Population aging is a topic widely discussed today, given the increase in life expectancy and the impacts of aging, especially in the less favoured social classes. This is the case of women, especially black women, who grow old in a context of social class with lower purchasing power, lacking public policies and different initiatives aimed at their demands. This Case Study aims to understand the perception of older women about the occupations in their daily lives in a socially vulnerable community (Vila Marçola - Aglomerado da Serra/Belo Horizonte/MG). The participants are 11 women who met the inclusion criteria of being a woman, aged 60 or over, and living in Vila Marçola; and as an exclusion criterion, having manifestations, self-declared or declared by family members, of cognitive deficits or any other process that implied inability to respond to the interview. Semi-structured interviews were used for data collection and the results were analyzed by content analysis in the form of thematic analysis. The results pointed to the centrality of care in the daily lives of the participants, being presented in the following categories: (1) domestic care; (2) care for people and the community; (3) self-care; (4) emancipatory occupations. Gender, social class and race pervade the life trajectory of these women, especially in the imposition of domestic work in their own homes and in a paid manner. Retirement and participation in school and in different social coexistence projects open up possibilities for making occupational choices based on the desire to experience what they never had the opportunity to access and/or to resume interrupted occupations. It is concluded that several occupations carried out throughout life were imposed in a violent, veiled and naturalized manner. In these coexistence projects, the social practices experienced by these women in old age inscribe the opportunity of choice, reaffirm and strengthen the existence of disruptive and emancipatory movements led by them.

Keywords: Elderly. Daily Life. Occupations. Social Vulnerability.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	13
2.	INTRODUÇÃO.....	14
2.1	Objetivo Geral.....	27
2.2	Objetivos Específicos.....	27
3.	METODOLOGIA.....	29
3.1	Participantes.....	29
3.2	Coleta de dados.....	30
3.3	Análise dos dados.....	31
4.	ARTIGO.....	32
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	65
	ANEXO.....	70
	Parecer de aprovação da pesquisa pelo COEP/UFMG.....	70
	APÊNDICES.....	84
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	84
	Roteiro da entrevista semi-estruturada.....	85

1 APRESENTAÇÃO

A estrutura desta dissertação está organizada em formato de artigo, conforme Resolução nº 02/2021 do Programa de Pós – Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, que estabelece os critérios para a Defesa de Dissertação dos discentes do Curso. A opção de estrutura da dissertação em formato de artigo prevê a seguinte organização: introdução e metodologia expandidas, com desenvolvimento amplo sobre o objeto de estudo; seguida do artigo científico que possui as sessões de introdução, metodologia, resultados, discussão, considerações finais e referências bibliográficas. Após a exposição do artigo, a dissertação é encerrada com as considerações finais expandidas, as referências bibliográficas utilizadas no trabalho, os anexos e apêndices. O artigo foi formatado de acordo com as normas exigidas pelo Scandinavian Journal of Occupational Therapy (periódico em que será submetido o manuscrito para publicação).

2 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população mundial tem sido um tema bastante discutido na atualidade, diante do crescimento acelerado de pessoas velhas e suas consequências nas áreas de cuidado, seguridade social, saúde e mercado de trabalho (CAMARANO *et al.*, 2015). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), 10,15% da população total tem mais de 65 anos. Este Instituto aponta a ampliação da expectativa de vida, calculando para 2060, o alcance de 25,49% de pessoas velhas no país. Conforme a pirâmide etária do Brasil, a incidência de mulheres velhas é superior à dos homens de mesma idade, em todas as faixas etárias acima de 60 anos e, em 2060, a previsão é de que as mulheres continuem em maior proporção (IBGE, 2021).

As “Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil” (IBGE, 2018) vem preencher a lacuna existente sobre a produção estatística de gênero no Brasil. Baseado em indicadores internacionais criados para monitorar o desenvolvimento dos países, o Instituto organiza as informações coletadas em domínios relacionados ao trabalho, educação, vida pública, direitos humanos e saúde das mulheres.

Quanto ao trabalho que gera renda, o IBGE (2018) aponta que os rendimentos médios de trabalho da mulher representam $\frac{3}{4}$ do recebimento dos homens e a carga horária mais freqüente entre elas é o período parcial de trabalho, que é menos valorizado na inserção no mercado de trabalho. Dentre o grupo de mulheres, evidenciou-se que as pardas e pretas, são as que mais exercem o trabalho por tempo parcial: 31,3% comparado às 25% brancas. Considerando o trabalho relacionado aos afazeres domésticos e cuidados de outras pessoas, as mulheres se dedicam 73% horas a mais do que os homens. As mulheres pretas e pardas dedicam mais horas semanais a essas tarefas que as brancas. Ao fazer o recorte pela idade das mulheres, as de faixas etárias mais elevadas são as que passam mais horas semanais envolvidas com afazeres domésticos e cuidado de outras pessoas. Tal fato pode explicar o número de horas reduzidas dedicadas ao trabalho remunerado, uma vez que as mulheres precisam dividir o tempo com outras funções domésticas ao longo do dia.

Os indicadores educacionais apresentados pelo IBGE (2018) revelam que as mulheres, em geral, possuem uma vantagem educacional em relação aos homens. Entretanto, quando é feito um recorte de raça entre as mulheres, observa-se que há desigualdade considerável, pois 30,7% das mulheres pardas e pretas apresentam atraso escolar, enquanto apenas 19,9% mulheres brancas da mesma faixa etária, estão na mesma situação. Considerando o acesso ao

ensino superior, mulheres brancas têm o percentual 2,3 vezes maior que o das pardas e negras. A mensuração da taxa de frequência escolar bruta, não considera grupos de idade acima dos 60 anos.

No domínio referente à vida pública, o IBGE (2018) demonstra que em 2017, as mulheres exerciam cargos políticos no Brasil, mas apenas 11,3% ocupavam cadeiras no Congresso Nacional, 16% no Senado Federal e 10,5% na Câmara dos Deputados. Em 2013, 13,4% de mulheres ocupavam cargos de policiais militares e civis das Unidades da Federação. Comparando-se o percentual de cargos políticos ocupados por mulheres em 190 países no ano de 2017, o Brasil ocupou o último lugar entre os países sul-americanos. De forma geral, ao avaliar a participação em cargos de liderança, 60,9% deles são ocupados por homens. Em todas as raças e faixas etárias há predominância masculina nos cargos gerenciais e a situação se agrava nas idades mais elevadas (60 anos ou mais) indicado que 68,2% têm ocupação masculina. Tais dados retratam a subrepresentatividade da participação de mulheres nas esferas públicas da sociedade brasileira, visto que constituem “mais da metade da população brasileira” (IBGE, 2018).

No que tange os direitos humanos das mulheres, um dos indicadores utilizados pelo IBGE (2018) é a violência doméstica e de gênero. Constatou-se que, em 2014, apenas 7,9% dos municípios possuíam delegacias especializadas para atenderem mulheres e, das 27 Unidades da Federação, somente 11 haviam feito capacitação continuada dos profissionais para lidarem com o tema. Há uma disparidade regional de oportunidade de aquisição dos direitos humanos das mulheres no Brasil (IBGE, 2018). De acordo com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (Brasil, 2020), os idosos são o segundo grupo mais vulnerável, quando se trata de registros de denúncia de violação dos direitos, totalizando 55% das ocorrências contabilizadas em 2019.

Os dados do IBGE (2018) referentes à faixa etária da infância e juventude, também agregam conhecimento para esta dissertação, visto que trazem intercessões entre escolaridade, sexo, raça/etnia, idade, regionalidade, contribuindo nas reflexões sobre como “as desigualdades se estruturam em torno de desvantagens historicamente acumuladas”. Esse conjunto de dados explicitam, historicamente, as desigualdades econômicas e sociais que as mulheres velhas, pobres e negras enfrentam na sociedade brasileira. Belo (2013) acrescenta que há um agravamento da situação quando se trata de mulheres que envelhecem num contexto de classe

social com menor poder aquisitivo, carecendo mais de políticas públicas e de diferentes iniciativas direcionadas às suas demandas.

Österholm e Ranada (2020) realizaram uma revisão bibliográfica sobre estudos com idosos com o objetivo de identificar o desenho metodológico, quantidade, origem dos autores, perfil dos participantes integrantes das pesquisas e áreas temáticas estudadas. Os autores concluíram, dentre outros aspectos, que a maioria dos estudos possui desenho quantitativo e há maior incidência de pesquisas que investigam as deficiências e seus impactos na funcionalidade, seguida daquelas que testam a confiabilidade e validade de instrumentos.

A revisão de literatura do presente estudo, realizada a partir dos descritores ocupações e/ou cotidiano e/ou vulnerabilidade social de idosos aponta que a maioria dos trabalhos estão atrelados a alguma condição de saúde ou de fragilidade sem, necessariamente, relacioná-los às questões sócio-econômicas-culturais.

Almeida *et al.* (2017) buscaram o significado das ocupações pelos idosos internados em um hospital público do Pará, diante das repercussões do adoecimento e da hospitalização em suas vidas. Os autores observaram que, estando hospitalizados, os idosos vivenciaram várias alterações ocupacionais referentes ao ritmo, às preferências, às perdas e significados de ocupar-se. Afirmam que o conhecimento dessas mudanças contribui para reflexões sobre o impacto que geram na saúde e bem-estar dos idosos. Acrescentam a importância dos profissionais da saúde, especialmente de terapeutas ocupacionais, continuarem a fazer investigações com a centralidade nas ocupações, abrangendo não só o contexto hospitalar, mas também outras situações de vida.

Fagundes *et al.* (2019) realizaram uma pesquisa com idosos residentes em uma comunidade de vulnerabilidade social da região centro-sul de Belo Horizonte/MG. Foram realizadas avaliações que caracterizaram e mensuraram componentes biológicos para serem utilizados em estudos futuros, como idade, estado de vacinação, tabagismo, alcoolismo, altura, índice de massa corporal (IMC), pressão arterial, glicemia, circunferência da cintura e panturrilha, bem como foram utilizados os instrumentos de coleta de dados “Get Up and Go” e Mine Exame do Estado Mental (MEEM). Concluíram que estudos dessa natureza precisam ser acompanhados por uma assistência continuada para haver uma redução da taxa de morbimortalidade dos idosos. Apontaram para a necessidade de desenvolvimento de ações que melhorem a qualidade de vida, autoconhecimento e acesso as informações de saúde dos participantes da pesquisa, bem como de ampliação da pesquisa para mais pessoas que vivem

nessa realidade. Apesar dessa investigação ter sido feita com idosos de comunidade em situação de vulnerabilidade social próxima a desse estudo, os objetivos buscaram identificar fatores de risco para desenvolvimento de doenças cardiovasculares e de queda.

Nascimento *et al.* (2019), também desenvolveram uma pesquisa sobre a fragilidade biológica e as condições de saúde de 108 idosos que vivem nas regiões ribeirinhas da Amazônia, incluindo fatores biopsicossociais e ecológicos, com vistas a ter uma visão multidimensional do envelhecimento que possa subsidiar o investimento em saúde pública local. A metodologia se baseou no modelo fenotípico proposto por Fried *et al.* (2001) para a definição de fragilidade, sustentado, principalmente, no caráter físico dessa Síndrome. Destaca-se dentre os resultados, o baixo nível de fragilidade entre a maioria dos idosos. Contudo, os autores concluíram que a vulnerabilidade social que esta população idosa ribeirinha vivencia interfere no estado geral de saúde deles. A partir dos resultados dessa pesquisa foram projetadas propostas de ampliação da cobertura de Estratégia de Saúde da Família, com capacitação de profissionais de saúde, para inclusão da população ribeirinha. Para tanto, considerou-se a tradição dos cuidados local, as alternativas para Educação Popular em Saúde e a efetivação da gestão de fragilidade, por meio de modelos assistenciais ao idoso. Neste estudo evidencia-se a relevância de compreender as relações dos aspectos sociais com a saúde geral dos idosos.

Ainda sobre o contexto de vulnerabilidade social, Souza e Mariano (2018) pesquisaram 190 mulheres adultas, entre 17 e 43 anos, em situação de pobreza em Fortaleza e Curitiba, quanto à percepção delas sobre suas ocupações domésticas e trabalho remunerado, comparadas às condições vividas por suas mães. Essas mulheres identificam que têm uma experiência diferente e mais positiva comparada às de suas mães, uma vez que têm maior consciência do papel das mulheres na sociedade, da ampliação das alternativas de vida e da possibilidade de transformação da própria realidade. Concluem que há uma redução das desigualdades de gênero no âmbito do trabalho remunerado, mas que as mulheres ainda são sobrecarregadas e que a conciliação das atividades de cuidado com a casa e com os filhos, associada ao exercício do trabalho remunerado, se configuram como um desafio.

Ghiglieri, McAndrew, Baum e Taff (2021) desenvolveram um estudo fenomenológico com 10 idosos com perfil heterogêneo quanto ao gênero, escolaridade, renda e raça, sendo todos residentes em um condomínio específico e estruturado para adultos mais velhos independentes, localizado numa área urbana de baixa renda nos Estados Unidos. O objetivo da

pesquisa foi compreender o engajamento ocupacional deles no dia a dia, seus desejos e necessidades. Os resultados estão apresentados em 3 temas: 1) uma identidade consistente ao longo da vida que se mantém na velhice, apesar das mudanças físicas; 2) a participação na comunidade que promove um senso de auto-eficácia, utilidade, valorização e aprendizagem, bem como constitui uma rede social de apoio emocional; 3) a percepção da vida e do próprio envelhecimento e a maneira que ela influencia no enfrentamento das perdas, nas escolhas e engajamentos ocupacionais. Concluíram que as percepções dos participantes auxiliaram na compreensão dos fatores que contribuem para melhorar a saúde, a qualidade de vida e aumentar o envolvimento de pessoas velhas nas ocupações diárias e na comunidade. Sugerem que estudos semelhantes sejam desenvolvidos em diversos lugares do mundo com uma seleção mais homogênea dos participantes.

Adjei *et al.* (2019) investigaram o impacto do trabalho doméstico e do trabalho remunerado na saúde dos idosos, de acordo com o gênero e a perspectiva do uso do tempo. Foram utilizados dados do Centro de Pesquisa do Uso do tempo de Oxford com 11.168 homens e 14.295 mulheres da Itália, Espanha, Reino Unido, França e Holanda. Os diários de registro de dados foram auto-administrados, seguidos por uma visita pessoal na maioria dos casos. A amostra se limitou aos participantes com mais de 65 anos e o uso do tempo foi avaliado em um período de 24 horas. A Modelagem com Equações Estruturais foi utilizada para avaliar as relações entre a saúde, o estresse, a educação, a riqueza e o status de emprego no trabalho doméstico e remunerado. Os resultados demonstraram que as mulheres eram mais velhas e revelaram ter uma saúde pior, com maior propensão ao estresse, enquanto a maioria dos homens eram casados e tinham maior nível de escolaridade. As mulheres passam mais tempo em atividades domésticas, enquanto os homens se dedicam mais às atividades remuneradas. Quanto às atividades sociais, os homens gastam mais tempo que as mulheres. Ao correlacionar as variáveis, encontrou-se que as medidas de riqueza, educação e emprego foram associadas à saúde de forma positiva pelos dois sexos, enquanto o estresse foi relacionado negativamente à saúde. A realização educacional foi associada negativamente ao estresse pelas mulheres e a idade avançada, para ambos, foi atribuída de forma negativa e significativa ao estresse. O trabalho doméstico foi associado ao estresse para ambos e o trabalho remunerado foi associado ao estresse apenas pelas mulheres. Contudo, a relação entre estresse e tempo de realização dos dois tipos de trabalho não foram relevantes. Os autores concluíram que os fatores psicossociais têm impactos na saúde dos idosos de forma diferente entre os homens e mulheres. Além disso, justificam a falta de evidências de relação entre estresse e tempo de realização dos trabalhos,

com a possibilidade de os adultos mais velhos não vivenciarem a mesma pressão de tempo de trabalho que adultos mais jovens.

Daher e Debona (2010) fizeram uma pesquisa qualitativa para investigar a motivação de 14 mulheres idosas ao procurar grupos de convivência em Niterói/RJ e o papel desses em seus cotidianos. Os grupos fazem parte de um projeto que oferece atividades físicas e lúdicas gratuitas em uma praia de área nobre da cidade. Concluíram que as mulheres buscam esses grupos para viver a velhice com qualidade, reelaborando suas vidas, se mantendo ativas, saudáveis e independentes. Neste cenário, os grupos se configuram como uma possibilidade de compartilhar o “bem viver” e de interação social. Na seleção da amostra não houve distinção quanto à classe social, cor, profissão e escolaridade, pois não tinham como prioridade relacionar essas questões à motivação das idosas.

Xavier *et al.* (2017) partem da percepção de idosos aposentados para discutirem se as ocupações realizadas ao longo da vida influenciam nas ocupações a serem desenvolvidas após a aposentadoria. Concluem que a história ocupacional é refletida nas escolhas ocupacionais pós-aposentadoria, mas por outro lado, apontam para a possibilidade de a pessoa aposentada descobrir novas ocupações, indo além de experiências pregressas. Com esta conclusão, reforçam a capacidade de desenvolvimento humano e de ampliação do repertório ocupacional na fase da velhice. As autoras apontam que as questões de gênero, classe social e raça não foram consideradas nessa pesquisa e, portanto, reforçam a necessidade de outras pesquisas que abordem esses aspectos.

Doimo *et al.* (2018) estudaram o cotidiano de 75 idosas em São Paulo, com o objetivo de analisar o uso do tempo. As mulheres pertenciam a um grupo de convivência de uma Unidade Básica de Saúde, sendo a maioria de baixa renda e escolaridade incompleta. Os resultados evidenciaram que a maioria das “atividades principais” se enquadravam no grupo de atividades obrigatórias e necessárias à sobrevivência, incluindo atividades domésticas, de caráter produtivo e cuidados pessoais. As atividades de lazer são reduzidas, se caracterizaram como um lazer passivo e ocupam, predominantemente, o período da tarde, após a realização daquilo que é considerado essencial. Quanto aos espaços físicos constatou-se que os ambientes são bastante distintos, assim como os tipos de atividades realizadas. Os acompanhantes das atividades se concentraram na figura de familiares e cônjuges. Concluiu-se que o método permitiu visualizar o cotidiano das idosas e traçar um estilo de vida associado aos aspectos biopsicossociais. Os autores consideram que houve influência de outros fatores como idade,

gênero, grau de instrução, estado conjugal, mas não foram objeto de investigação deste estudo. Acreditam ser fundamental a realização de uma abordagem mais qualitativa para compreender melhor as descrições feitas acima, bem como relacioná-las aos aspectos sociais, culturais, afetivos e comportamentais. Reforçam que assim, a pesquisa poderá fornecer dados que impactem na qualidade de vida e assistência a essas pessoas.

A partir do exposto, pode-se observar que são frequentes estudos que investigam as ocupações dos idosos sem relacioná-las ao gênero e/ou raça e/ou classe social. Vários estudos, de natureza quantitativa, apontaram a relevância de estudos qualitativos para a compreensão da multiplicidade de fatores que perpassam o cotidiano e as ocupações desenvolvidas por pessoas velhas em seus contextos. Hammell (2017, 2020) aponta a necessidade de haver uma compreensão plural e compatível com as realidades, em especial de povos desprivilegiados, que vivenciam as ocupações cotidianas com restrições. Além de analisar o impacto que os componentes biológicos, cognitivos e emocionais têm sobre a realização das ocupações, torna-se cada vez mais urgente, o entendimento dos determinantes sociais como obstáculos para a escolha e a realização de ocupações. Dentre os determinantes sociais que restringem as oportunidades ocupacionais estão a desigualdade de oportunidades, a pobreza, a escolarização incompleta, a violência, a desigualdade de gênero, o sexismo, o colonialismo, a homofobia a alimentação e moradia instáveis, a marginalização e o desemprego. Muitos desses determinantes compõem o perfil das participantes dessa pesquisa.

Diante do exposto, pergunta-se: Como se configuram as ocupações nos cotidianos de mulheres velhas em situação de vulnerabilidade social?

Como esta dissertação se apresenta em formato de artigo, devendo atender às orientações específicas do periódico a ser submetido (neste caso, há uma grande restrição no tamanho dos artigos), optou-se por registrar aqui os caminhos teóricos que foram trilhados e os autores que subsidiaram a tecitura desta pesquisa. Este movimento exploratório não se encerra nesta dissertação. Foi e está sendo uma aproximação desafiadora e auspiciosa, pois no campo dos estudos da ocupação algumas dessas discussões estão ainda incipientes.

Neste estudo, as ocupações de mulheres velhas, pobres, negras em seus cotidianos de vulnerabilidade social foram analisadas em uma perspectiva interseccional, a qual atravessou os depoimentos das participantes e conduziu a análise e a escrita dessas trajetórias de vida. Para Goldani (2010), é impossível analisar o contexto brasileiro sem uma abordagem interseccional das estratificações sociais, porque as pessoas vivenciam múltiplas discriminações

motivadas pelas diversidades identitárias do país. A interseccionalidade surgiu com os movimentos negros feministas nos Estados Unidos em meados de 1960 e 1970, quando as mulheres negras defendiam a necessidade de incluir nas lutas, as diferenças de raça e a classe para que, de fato, alcançassem a emancipação (COLLINS, 2017). Apesar da não existência de um termo que nomeasse o movimento, já afirmavam a indivisibilidade da liberdade e dos interesses das diversas estratificações oprimidas (COLLINS, 2017). Posteriormente, essas discussões ganharam espaço no universo acadêmico, quando então surgiu, da relação entre movimentos sociais e academia, o termo interseccionalidade, com o protagonismo da Kimberlé Crenshaw (COLLINS, 2017). Outras mulheres têm contribuído com o desenvolvimento da teoria e prática da interseccionalidade, como Daniele Kergoat, Patrícia Hill Collins, Angela Davis, Sirma Bilge, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, e outras (HIRATA, 2014, 2021).

A produção de Helena Hirata (2014) foi privilegiada nessa pesquisa, dentre várias autoras de renome nacional e internacional, visto sua proposição de poder incorporar um quarto elemento para investigação, além da raça, gênero, classe social, a depender de cada caso. Hirata (2014) corrobora com a unidade indissociável e interdependente de gênero, raça e classe, acrescentando o entendimento da “interseccionalidade da geometria variável”:

Existem três relações sociais fundamentais que se imbricam, e são transversais, o gênero, a classe e a raça (...). Na intersecção de geometria variável, pode-se incluir, além das relações sociais de gênero, de classe e de raça, outras relações sociais, como a de sexualidade, de idade, de religião, etc (HIRATA, 2014).

Contudo, será considerada a ponderação feita por Daniele Kergoat, quanto ao risco de incluir uma multiplicidade de relações e fragmentar a luta interseccional (Hirata, 2014). Neste estudo, não se pretende tirar o foco dos eixos de dominação prevaletentes, mas sim considerar a idade como outra via interdependente de discriminação trazida pelas participantes da pesquisa, que caracterizam a ocorrência de múltiplas estigmatizações e desigualdades sociais em seus cotidianos.

Goldani (2010) esclarece ainda que após o racismo e o sexismo, o ageísmo é a terceira grande causa de discriminação no Brasil. O ageísmo consiste em atitudes positivas ou negativas direcionadas à uma pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua idade, especialmente os velhos, por estarem numa faixa etária que é menos privilegiada socialmente. Muito tem sido discutido sobre gênero e raça nas universidades e na mídia, no entanto, os pensamentos, atitudes e situações que oprimem as pessoas em função da idade ainda são pouco desvelados. Trata-se de um assunto de interesse da humanidade, visto que basta permanecer vivo e alcançar

a longevidade para experimentar suas consequências. Portanto, são necessárias mobilizações para conscientização, educação e intervenção legal e política, principalmente nas relações de trabalho, de saúde e sociais, áreas em que os impactos destrutivos do ageísmo são mais relevantes (GOLDANI, 2010).

Várias são as explicações sobre as causas do ageísmo (GOLDANI, 2010): 1- explicações psicológicas que atribuem essas atitudes ao medo de lidar com a morte e com as perdas físicas e mentais inerentes ao próprio envelhecimento; 2- explicações econômicas que sugerem que o sistema capitalista marginaliza os velhos por não responderem aos padrões de produtividade impostos por esse sistema; 3- explicações sobre a modernização e globalização que mudaram estruturalmente a sociedade, desprivilegiando os mais velhos e alterando sua posição social para um lugar de menor status. Nesta linha de pensamento, os avanços tecnológicos no trabalho levam à seleção de jovens por suas facilidades digitais; enfraquecem os vínculos dos jovens com as origens familiares e suas ancestralidades; supervalorizam as práticas de alfabetização que tornam obsoletas as tradições orais, passadas de geração a geração, destituindo o saber dos velhos; 4- explicação sobre a “Justa alocação de recursos”, também nomeada “geração debate sobre equidade”, que relaciona as estratégias políticas que determinam como os gastos públicos são distribuídos na sociedade de acordo com a idade, podendo favorecer ou desfavorecer determinada faixa etária; 5- explicação dos teóricos da economia política que acreditam que a discriminação advém da inter-relação da política, da economia e das estruturas ideológicas, na qual as estruturas de poder dos grupos dominantes da sociedade moderna, constroem as políticas públicas e legitimam os padrões discriminatórios. Os comportamentos discriminatórios não são entendidos nessa abordagem apenas como consequência da ideologia ageísta, nem são justificados na incapacidade da pessoa idosa se ajustar aos padrões pré-estabelecidos. Buscam, no entanto descrever como a organização da vida social é permeada pela construção social da idade e, portanto, qual é a relação desta última, com outras estratificações sociais como classe, gênero, raça, étnica e religiosa, bem como quais os fatores estruturais limitam as oportunidades para os velhos e velhas.

A diversidade do público feminino brasileiro exige ampliação das iniciativas mais igualitárias, de forma a contemplar questões étnicas, raciais, religiosas, de classe e relativas à idade (CARNEIRO, 2003). A expansão do direito das mulheres ainda é problemática, pois, nas palavras de Carneiro (2003), “as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão, além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade”.

O envelhecimento feminino da população brasileira apresenta condições diferenciadas do masculino, o que implica em considerar o envelhecimento de forma não generalizante (BELO, 2013). Para compreender melhor essa especificidade é preciso resgatar o contexto em que as idosas de hoje envelheceram e a subjetividade existente na construção das identidades das mesmas. Trata-se de uma cultura, historicamente, dominada pelo poder masculino que sustenta a visão da mulher como sexo frágil, lhe atribuindo papéis de cuidadora, doméstica, passiva, afetuosa e, ao mesmo tempo, de arrimo da família (BELO, 2013). Cultura também que faz associações negativas ao envelhecimento, atrelando-o à fragilidade, inutilidade, falta de produtividade, dependência e exclusão; logo; as mulheres que envelhecem se encontram duplamente estigmatizadas (BELO 2013).

Belo (2013) afirma que o perfil biopsicossocial das idosas brasileiras são desconsideradas, a partir do século XXI, com o movimento que inaugura a visão do “envelhecimento ativo”. Este, com o apoio da mídia e dos profissionais da saúde, reforça uma imagem extremamente oposta à anterior (de fragilidade, inutilidade, falta de produtividade, dependência e exclusão) que nem todas as mulheres conseguem se enquadrar. Busca-se, com essa linha de pensamento, a valorização da pessoa idosa a partir da sua participação e produção no mercado de trabalho e é feita apologia a comportamentos que dão manutenção a juventude na velhice. Este cenário suprime as singularidades das mulheres velhas, reforçando situações de vulnerabilidade para uma parcela significativa da população (BELO, 2013).

Em decorrência da forma depreciativa que o envelhecimento é compreendido na atualidade, nesta dissertação está sendo utilizado o termo “velha” ao fazer referência às participantes da pesquisa e ao contingente de mulheres que experimentam a velhice. Esta posição busca contribuir com a conscientização e desconstrução de conceitos e atitudes discriminatórios sobre essa etapa de vida. O termo velha/velho é usado, em geral, no senso comum, pejorativamente, fazendo menção ao que não serve mais, não é útil, não é bonito, não é agradável, um xingamento, uma gíria. Acredita-se que a modificação do discurso por si só não impede a ocorrência do ageísmo, correndo-se o risco de promover um movimento tautológico. Contudo, a escolha por este termo na presente pesquisa tem o intuito de não romantizar ou eufemizar a velhice e, também, de convidar o(a) leitor(a) à uma reflexão do processo de envelhecimento que todas as pessoas experimentarão e que não, necessariamente, precisa estar associado a um sentido negativo.

As ocupações que as mulheres velhas exercem são consideradas, neste estudo, sob a concepção de Hammell (2009, 2017, 2020), visto que busca desnaturalizar as escolhas que as pessoas fazem em suas vidas, a padronização das ocupações em categorias específicas, as oportunidades e acessos ocupacionais distribuídos de forma desigual no mundo e o conceito de ocupações significativas.

Hammell (2009) enfatiza que os modelos tradicionais produzidos sobre ocupação, comumente seguem uma visão masculina, de raça branca, de classe média e, portanto, legitimam a visão de mundo hegemônica ocidental, o que os tornam incompatíveis com as necessidades de populações específicas. Este fato revela, ainda hoje, a presença do positivismo nas práticas profissionais que reafirmam estruturas políticas, econômicas e sociais com poucas oportunidades para uma grande parcela da sociedade (HAMMELL, 2009).

Segundo a autora, a categorização das ocupações em áreas específicas como autocuidado, trabalho e lazer foi universalizada por modelos tradicionais e tratada como verdade absoluta. Assim, a separação entre o trabalho gerador de renda e o lazer é feita a partir de uma cultura dominante. Nessa lógica, as experiências subjetivas, as necessidades, os valores, as crenças e a cultura são menos relevantes (HAMMELL, 2009). A autora reitera que nem todas as ocupações encaixam nessa padronização, citando aquelas que são motivadas pela interdependência, conexão e cuidado mútuo.

Outro aspecto que Hammell (2017) busca desconstruir para alcançar a complexidade da relação entre a pessoa e a ocupação, é a ideia de que poder escolher uma ocupação, por si só, é sinônimo de ter uma vida saudável e realizada. Determinadas escolhas e envolvimento ocupacionais podem se configurar como uma ação que não produz saúde, bem-estar e qualidade de vida, colocando em risco a própria vida e liberdade e/ou a de terceiros (HAMMELL, 2020). Desde 2004, a autora fomenta a discussão sobre o conceito de ocupações significativas associada unicamente às experiências que garantem satisfação, segurança, gratificação, dinheiro, saúde e bem estar. A autora acrescenta que todas as ocupações contribuem para a significação da vida das pessoas, independentemente de estarem atreladas a um sentido positivo ou negativo (HAMMELL, 2017). O diálogo traçado pela autora permeia os universos macro e microsociais da pessoa em ocupação e envolve o conceito de “capabilitys”¹

¹O termo “capabilitys” foi mantido na língua original, pois quando traduzido para o português não encontra conceituação que compreenda a integralidade do sentido que possui.

definido por ela em 2020, como a interconexão e interdependência entre a capacidade de uma pessoa agir e fazer determinada ocupação e a possibilidade que tem de utilizar suas habilidades para fazer o que gostaria (HAMMELL 2020).

Nesta pesquisa, as ocupações foram situadas nos cotidianos das mulheres velhas da Vila Marçola. Articula-se, portanto, ocupação e cotidiano, mas de uma forma ainda ensaística. É crescente a discussão sobre o cotidiano em vários campos de conhecimento, mas essa articulação é ainda embrionária no campo dos estudos da ocupação.

Drummond (2007) sugere o incremento em investigações qualitativas e quantitativas para contemplar as diversas questões imbricadas no “cotidiano como tessitura sociocultural no qual se assentam as relações das pessoas com as ocupações em diferentes contextos”².

Lave (2019) descreve os 3 principais eixos de análise sobre o cotidiano: 1) cotidiano como sinônimo de hábito e rotina, entendendo que aquilo que não é uma ação corriqueira ordinária está “fora” do cotidiano; 2) cotidiano dual, como oposição entre a alta cultura que é compreendida num contexto de classe social privilegiada ou de baixa cultura, num cenário desprivilegiado socialmente; 3) cotidiano situado pelas e nas práticas sociais.

Os autores usados para sustentar a discussão do cotidiano, nesta dissertação, estão localizados neste terceiro eixo e comumente se reportam à Henry Lefebvre. José Machado Pais e José de Souza Martins impulsionam a discussão do cotidiano tecido pelas práticas sociais no Brasil e, por isso, são referências nesta pesquisa. Pensadas à luz desses autores, as ocupações podem ser potencialmente reveladoras e transformadoras das histórias cotidianas das pessoas, bem como podem reproduzir historicamente desigualdades vivenciadas nas práticas sociais ao longo de suas vidas. Um caminho investigativo em construção.

Os cotidianos dessas mulheres velhas estão assentados em um território de vulnerabilidade social. Para Castel (1977) viver em periferias, por um lado, permite a construção de valores e modos de viver semelhantes e a busca por uma proteção mútua contra fatores que reforçam a não inclusão social; por outro lado, facilita a vivência de situações de

² Docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG vêm investigando a articulação entre ocupação e cotidiano com capítulos e artigos em andamento.

vulnerabilidade caracterizadas pela baixa renda, desemprego, instabilidade profissional, rupturas familiares e fragilidade de vínculos sociais. Ao se referir às populações marginalizadas, o autor apresenta teoricamente o processo de desligamento em três gradações, balizadas pela integração das pessoas no trabalho que gera renda e em suas inserções relacionais:

(...) Obtemos três zonas, ou seja, a zona de integração (trabalho estável e forte inserção relacional, que sempre estão juntos), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e fragilidade dos apoios relacionais) e a zona de marginalidade, que prefiro chamar de zona de desfiliação para marcar nitidamente a amplitude do duplo processo de desligamento: ausência de trabalho e isolamento relacional (CASTEL, 1997).

Quando existe uma situação de “desfiliação social”, há rompimento da coesão social, diferindo-se da concepção de exclusão social. Excluir implica em estar fora da sociedade e este autor defende a impossibilidade de haver dentro e fora da sociedade contemporânea (ZIONE, 2006). O fato de todos fazerem parte da mesma sociedade não quer dizer que os acessos sejam iguais. Portanto, Castel busca compreender os fenômenos estruturais que produzem a diferença de oportunidades, resultando em uma parcela de pessoas com dificuldade de encontrar seu lugar/papel na sociedade (ZIONE, 2006). O autor também reflete sobre o atributo de inutilidade imposto às pessoas que não se encaixam no padrão produtivo considerado ideal. Defende que a inutilidade não é sinônimo de inexistência social e explica que o movimento de invalidação das pessoas é produzido para a manter a regulação social, sem que a ordem capitalista seja ameaçada (ZIONE, 2006). A zona de desfiliação abrange pessoas em situações diversas com precariedades econômicas e simbólicas que se encontram marginalizadas, ao mesmo tempo, dependentes do sistema vigente. Neste estudo será usado o conceito de desfiliação uma vez que, até metaforicamente, o Aglomerado da Serra, a maior favela de Minas Gerais, localizada na zona Sul de Belo Horizonte, lugar em que desenrola o cotidiano das participantes desta pesquisa, não está separada da cidade.

Para aprofundar no conceito de periferia, será utilizada a visão de Oliveira (2019). O autor infere que no senso comum é feita uma menção pejorativa às periferias ao considerá-las a partir de um ponto de vista geográfico segregador. Normalmente são associadas a algo que está à margem da sociedade, que não pertence aos centros urbanos e que tem uma estruturação paralela à cidade. Contudo, o termo ganha outro sentido quando deixa de ser uma interpretação das dualidades que opõe o “morro e asfalto” e passa a ser compreendido de forma relacional, considerando toda sua complexidade, na qual todos os fatores são coexistentes e estão interrelacionados. A integração entre o centro e as periferias, não significa colocá-los em uma

situação de igualdade, uma vez que existem diferenças reais. As desigualdades e falta de oportunidade são experimentadas em níveis simbólicos e concretos no cotidiano periférico (OLIVEIRA, 2019). A aproximação e compreensão do cotidiano da periferia, partindo da percepção de quem experimenta esta realidade, é uma possibilidade de evidenciar os veículos de desfiliação social que reforçam os estigmas.

A Vila Marçola, território onde se inserem as mulheres velhas deste estudo, está entre as oito vilas que compõe o Aglomerado da Serra e foi escolhida pela atuação profissional prévia da pesquisadora no território. Segundo Nonato e Alves (2019), o Aglomerado da Serra, envolto pelas encostas da Serra do Curral, é o maior conjunto de vilas de Minas Gerais, compreendendo as vilas: Marçola, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santana do Cafezal, Novo São Lucas e Fazendinha. De acordo com o Plano Global Específico (PGE) que é um instrumento de planejamento urbano, ambiental e de desenvolvimento social, disponível no site da Prefeitura de Belo Horizonte (2019), o Aglomerado da Serra conta com 34.303 moradores.

Nonato e Alves (2019) associam o surgimento do Aglomerado à construção da cidade de Belo Horizonte, que se deu há mais de 100 anos, quando ocorreram migrações de pessoas vindas do interior de Minas Gerais e outros estados brasileiros em busca de uma melhor qualidade de vida. Corrêa (2010) relata que as ocupações das favelas mais antigas aconteceram em espaços geográficos de maior declive, com menor valorização naquela época. A autora, em sua dissertação, cita o documento “Diagnóstico Qualitativo do Aglomerado da Serra” desenvolvido pela Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS) e faz um resumo do mesmo, contando a história das principais vilas do Aglomerado, dentre elas a Vila Marçola:

Vila Marçola (“Cabeça-de-porco”): formou-se na década de 1960, com moradores do interior do estado, vivendo em casas de papelão e lata. Localizava-se na atual área do Clube Minas Tênis II. e também chegou a ocupar a rua do Hospital Evangélico, onde a Polícia fez várias remoções à força. Havia muita criação de porcos, daí o apelido “cabeça de porco”, além do formato da Vila, em forma de A, que também lembra o focinho do porco. Em 1980 [...] serviços de água e luz chegaram ao local, juntamente à abertura de ruas. Em 1966, possuía 530 domicílios e 2740 habitantes (CORRÊA, 2010).

2.1 Objetivo Geral

Compreender a percepção de mulheres velhas, moradoras em comunidade de vulnerabilidade social, sobre as ocupações em seus cotidianos.

2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar quais são as ocupações vividas pelas mulheres velhas em situação de vulnerabilidade em seus cotidianos;
- Entender como as diferentes mulheres velhas compreendem suas vivências, motivações, gostos, necessidades, limites, potenciais, facilidades, dificuldades e transformações experimentadas nas ocupações cotidianas.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um Estudo de Caso, ao buscar compreender como os fenômenos da vida real acontecem em sua complexidade, integralidade e subjetividade, considerando as perspectivas individuais, sociais, políticas e organizacionais (Yin, 2001). Este Projeto de Pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP-UFMG) - CAAE:36344920.9.0000.5149- em 03 de novembro de 2020.

3.1 Participantes

A escolha de 11 mulheres velhas, moradoras da Vila Marçola - Aglomerado da Serra, periferia da zona sul de Belo Horizonte/Minas Gerais– como participantes, foi feita por conveniência. Minayo (2019) afirma que os pesquisadores qualitativos:

(...) preocupam-se menos com a generalização e as generalidades e mais com o aprofundamento, a abrangência e a diversidade no processo de compreensão, seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação, colocando esses diferentes aspectos à luz das teorias que fundamentam suas indagações.

Quanto aos questionamentos feitos sobre a abrangência/replicação dos resultados de pesquisas qualitativas com amostragem pequena, Minayo (2017), afirma que os indivíduos representam o grupo e o contexto social em que estão envolvidos. Assim, as narrativas obtidas em entrevistas semi-estruturadas, não se configuram como a totalidade da experiência, mas são indivisíveis da cultura e da coletividade.

Os critérios de inclusão foram mulheres, com 60 anos ou mais, moradoras da Vila Marçola. O critério de exclusão foi possuir manifestações, autodeclaradas ou declaradas por familiares, de déficits cognitivos ou qualquer outro processo que implicasse na incapacidade para responder à entrevista semi-estruturada.

Para a seleção das 11 participantes, a pesquisadora contou com uma informante chave, escolhida por ser uma liderança feminina, nascida na comunidade que auxiliou no levantamento de mulheres que atendiam aos critérios de inclusão, mediando o contato inicial com as mesmas. Segundo Bisol *et al.* (2012), a informante chave é uma facilitadora do processo de pesquisa que possibilita a aproximação da pesquisadora com o universo cultural estudado, estabelecendo caminhos de acesso, uma vez que a pesquisadora parte de uma realidade privilegiada, possuindo aspectos raciais, de classe e faixa etária diversos das participantes do estudo. Esta estratégia metodológica promove um maior envolvimento das

participantes em todo o processo de pesquisa e auxilia na ampliação da visão de mundo da pesquisadora (BISOL *et al.*, 2012). O contato prévio com a informante-chave ofereceu elementos necessários para os contatos posteriores (BISOL *et al.*, 2012).

A seleção das participantes da pesquisa também ocorreu pelos contatos da pesquisadora com um grupo da terceira idade que frequenta uma oficina livre na Escola de Artes e Cultura do Aglomerado. Além disso, as idosas foram convidadas a indicarem outras mulheres para contribuir com a pesquisa. A seleção foi encerrada quando as indicações realizadas pelas diferentes fontes de informação começaram a se repetir e não mais apresentaram novos nomes que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi feita através de entrevista semi-estruturada. Minayo (2008) afirma que a entrevista possibilita compreender contextos sociais específicos, partindo do ponto de vista do próprio entrevistado e, portanto, alcançando suas crenças, valores, princípios e comportamentos. Guerra (2014) descreve como vantagens da entrevista a possibilidade de ser utilizada com pessoas com escolaridade incompleta; a flexibilidade do entrevistador, que pode modificar o roteiro durante a entrevista para alcançar o objetivo de pesquisa; o alcance da complexidade e profundidade nas respostas; a compreensão de significados e consideração de outras formas de expressão, como os gestos, a entonação, as expressões faciais e os comportamentos.

O roteiro da entrevista semi-estruturada contém: a) questões fechadas sobre o perfil das participantes, no qual as idosas foram identificadas da seguinte forma: nome, idade, naturalidade, raça, endereço, tempo de moradia no Aglomerado da Serra, com quem mora, se tem filhos, estado civil, se tem companheiro/a, escolaridade, profissão, situação de trabalho atual, renda e religião; b) Questões abertas, referentes à percepção que elas têm sobre suas vivências na Vila Marçola, considerando como compreendem a própria vida cotidiana; quais, como e porque ocupações são desenvolvidas por elas; qual o sentido atribuído às ocupações cotidianas, detalhando o que gostam e não gostam de fazer, o que fazem por obrigação, o que é mais importante, o que é mais fácil e mais difícil; e como resolvem os desafios que encontram no dia a dia.

Em decorrência da Pandemia da Covid-19, os procedimentos de segurança utilizados nas entrevistas seguiram os protocolos divulgados no site oficial da Prefeitura de Belo

Horizonte (2021) e as orientações fornecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa /UFMG. Assim, foram tomados todos os cuidados para minimizar a possibilidade de contaminação: as entrevistas ocorreram em locais escolhidos pelas participantes, sendo necessariamente abertos, arejados, com pouca circulação de pessoas e com distanciamento entre pesquisadora e participante; foram disponibilizados equipamentos de proteção, kits de higiene pessoal pela pesquisadora, bem como foram higienizados os objetos utilizados durante e ao final de cada entrevista.

Os conteúdos verbais e não verbais manifestados na coleta foram registrados através de diário de campo, gravação de voz e filmagem, com consentimento expresso e assinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista com cada participante ocorreu em um único encontro, com duração média de 1h30 e foram conduzidas pela própria pesquisadora.

Assim como os benefícios, os riscos que a pesquisa pode trazer foram apresentados às participantes no TCLE, sendo eles a contaminação pelo coronavírus e a maior chance de morte em pessoas mais velhas, bem como incômodos causados por qualquer motivo durante a entrevista. Conforme citado acima, todos os cuidados para minimizar os riscos foram tomados, e as idosas orientadas quanto à possibilidade de interromper a participação a qualquer instante. Caso a entrevista gerasse consequências emocionais, físicas, cognitivas ou de outra ordem às participantes, a pesquisadora firmou o compromisso de oferecer acompanhamento terapêutico antes, durante ou depois da pesquisa, durante o tempo que fosse preciso. Só participaram da pesquisa, as participantes que concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os gastos necessários para a realização da pesquisa foram supridos pela própria pesquisadora e os arquivos da pesquisa estão guardados na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, Gabinete 3124, sob os cuidados e responsabilidade da Prof. Dra. Orientadora Adriana de França Drummond, docente do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação. O arquivamento será feito junto aos demais dados de pesquisas realizadas no referido curso, durante 10 anos, a contar de fevereiro de 2021, quando se iniciou a coleta de dados da dissertação.

3.3 Análise de Dados

Para análise dos dados, os áudios foram transcritos e um codinome foi criado por elas mesmas para identificação dos relatos. Foi utilizada a análise de conteúdo na modalidade de

análise temática que consiste em três etapas (GUERRA, 2014). Na primeira, realizou-se uma exploração “flutuante” das entrevistas, filmagens e registros das observações da pesquisadora. Na segunda fase, os dados foram codificados, com agrupamento dos temas semelhantes em categorias representativas. Na terceira etapa, os dados foram tratados, interpretados para posterior diálogo com a literatura.

4 ARTIGO

As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social

Ana Luiza Menezes Vieira

Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

aninhamenezesv@hotmail.com

Adriana de França Drummond

Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

RESUMO

O envelhecimento populacional é um tema amplamente discutido na atualidade, diante do aumento da expectativa de vida e dos impactos do envelhecimento, principalmente nas camadas menos favorecidas socialmente. Este é o caso de mulheres, sobretudo negras, que envelhecem num contexto de classe social com menor poder aquisitivo, carecendo de políticas públicas e de diferentes iniciativas direcionadas às suas demandas. Esse Estudo de Caso tem como objetivo compreender a percepção de mulheres velhas sobre as ocupações em seus cotidianos em uma comunidade de vulnerabilidade social (Vila Marçola - Aglomerado da Serra/Belo Horizonte/MG). As participantes são 11 mulheres que atenderam aos critérios de inclusão de ser mulher, com 60 anos ou mais, e morar na Vila Marçola; e como critério de exclusão, possuir manifestações, autodeclaradas ou declaradas por familiares, de déficits cognitivos ou qualquer outro processo que implicasse na incapacidade para responder à entrevista. Foram utilizadas para a coleta de dados entrevistas semi-estruturadas e os resultados foram analisados por análise de conteúdo na modalidade de análise temática. Os resultados apontaram para a centralidade do cuidado no cotidiano das participantes, sendo apresentado nas seguintes categorias: (1) cuidado doméstico; (2) cuidado das pessoas e da comunidade; (3) cuidado de si; (4) Ocupações emancipatórias. O gênero, a classe social e a raça perpassam a trajetória de vida dessas mulheres, especialmente na imposição do trabalho doméstico em seus próprios lares e de forma remunerada. A aposentadoria e a participação na escola e em diferentes projetos de convivência inauguram possibilidades de fazerem escolhas ocupacionais balizadas pelo desejo de experimentar o que nunca tiveram oportunidade de acessar e ou de retomarem ocupações interrompidas. Conclui-se que várias ocupações realizadas ao longo da vida foram impostas de forma violenta, velada e naturalizada. No entanto, nos projetos de convivência, as práticas sociais experimentadas por essas mulheres na velhice, inscrevem a oportunidade de escolha, reafirmam e fortalecem a existência de movimentos disruptivos e emancipatórios protagonizados por elas.

Keywords: Idosas. Cotidiano. Ocupações. Vulnerabilidade Social

Introdução

O envelhecimento da população mundial tem sido um tema bastante discutido na atualidade, diante do crescimento acelerado de pessoas velhas e suas consequências nas áreas de cuidado, seguridade social, saúde e mercado de trabalho [1]. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [2], no Brasil, 10,15% da população total tem mais de 65 anos. Este Instituto aponta a ampliação da expectativa de vida, calculando para 2060, o alcance de 25,49% de pessoas velhas no país. Atualmente a incidência de mulheres velhas é superior à dos homens de mesma idade, em todas as faixas etárias acima de 60 anos e, em 2060, a previsão é de que as mulheres continuem em maior proporção.

Quanto ao trabalho que gera renda, os rendimentos médios de trabalho da mulher representam $\frac{3}{4}$ do recebimento dos homens e a carga horária mais freqüente entre elas é o período parcial de trabalho [3]. As mulheres pardas e pretas são as que mais exercem o trabalho por tempo parcial: 31,3% comparado às 25% brancas. Considerando os afazeres domésticos e cuidados de outras pessoas, as mulheres se dedicam 73% horas a mais do que os homens, sendo que as mulheres pretas e pardas dedicam mais horas semanais a essas tarefas que as brancas. As mulheres de faixas etárias mais elevadas são as que passam mais horas semanais envolvidas com afazeres domésticos e cuidado de outras pessoas. Em geral, as mulheres possuem uma vantagem educacional em relação aos homens, entretanto, 30,7% das mulheres pardas e pretas apresentam atraso escolar, em contraposição à 19,9% mulheres brancas da mesma faixa etária. Considerando o acesso ao ensino superior, as mulheres brancas perfazem o percentual 2,3 vezes maior que o das pardas e negras. Em todas as raças e faixas etárias há predominância masculina nos cargos gerenciais e a situação se agrava nas idades mais elevadas (60 anos ou mais), indicando 68,2 % de ocupação masculina. Tais dados retratam a subrepresentatividade da participação de mulheres nas esferas públicas no Brasil, visto que constituem “mais da metade da população brasileira” [3].

De acordo com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos [4] os idosos são o segundo grupo mais vulnerável quando se trata de registros de denúncia de violação dos direitos, totalizando 55% das ocorrências contabilizadas em 2019. Esse conjunto de dados explicitam os contextos desiguais de vida das mulheres velhas, pobres e negras na sociedade brasileira.

Österholm e Ranada [5] realizaram uma revisão bibliográfica sobre estudos com idosos com o objetivo de identificar o desenho metodológico, quantidade, origem dos autores, perfil

dos participantes integrantes das pesquisas e áreas temáticas estudadas. Os autores concluíram, dentre outros aspectos, que a maioria dos estudos possui desenho quantitativo e há maior incidência de pesquisas que investigam as deficiências e seus impactos na funcionalidade, seguida daquelas que testam a confiabilidade e validade de instrumentos.

A revisão de literatura do presente estudo, especificamente, sobre ocupações e/ou cotidiano e/ou vulnerabilidade social de idosos aponta que a maioria dos trabalhos estão atrelados a alguma condição de saúde ou de fragilidade sem, necessariamente, relacioná-los às questões sócio-econômicas-culturais.

Almeida et al.[6] buscaram o significado das ocupações pelos idosos internados em um hospital público do Pará/Brasil, diante do adoecimento e da hospitalização, enfatizando a importância das investigações que abranjam não só o contexto hospitalar, mas também outras situações de vida. Fagundes et al. [7] desenvolveram pesquisa numa comunidade da região centro-sul de Belo Horizonte/MG com objetivo de mensurar componentes biológicos que precisam ser acompanhados, por uma assistência continuada, para haver uma redução da taxa de morbimortalidade do público idoso.

Souza e Mariano [8] pesquisaram 190 mulheres, entre 17 e 43 anos, em situação de pobreza em Fortaleza e Curitiba/Brasil, quanto à percepção delas sobre suas ocupações domésticas e de trabalho remunerado, comparadas às condições vividas por suas mães. Essas mulheres identificam que têm maior consciência do papel das mulheres na sociedade, da ampliação das alternativas de vida e da possibilidade de transformação da própria realidade, se comparado às suas mães, mas ainda assim, são sobrecarregadas com o desafio de conciliação das atividades de cuidado doméstico com o trabalho remunerado.

Ghiglieri, McAndrew, Baum e Taff [9] desenvolveram um estudo fenomenológico com 10 idosos com perfil heterogêneo quanto ao gênero, escolaridade, renda e raça, sendo todos residentes em um condomínio específico e estruturado para adultos mais velhos independentes, localizado numa área urbana de baixa renda nos Estados Unidos. O objetivo da pesquisa foi compreender o engajamento ocupacional deles no dia a dia, seus desejos e necessidades. Os resultados estão apresentados em 3 temas: 1) uma identidade consistente ao longo da vida que se mantém na velhice, apesar das mudanças físicas; 2) a participação na comunidade que promove um senso de auto-eficácia, utilidade, valorização e aprendizagem, bem como constitui uma rede social de apoio emocional; 3) a percepção da vida e do próprio envelhecimento e a maneira que ela influencia no enfrentamento das perdas, nas escolhas e engajamentos

ocupacionais. Concluíram que as percepções dos participantes auxiliaram na compreensão dos fatores que contribuem para melhorar a saúde, a qualidade de vida e aumentar o envolvimento de pessoas velhas nas ocupações diárias e na comunidade. Sugerem que estudos semelhantes sejam desenvolvidos em diversos lugares do mundo com uma seleção mais homogênea dos participantes.

Xavier et al. [10] partem da percepção de idosos aposentados para discutirem se as ocupações realizadas ao longo da vida influenciam nas ocupações a serem desenvolvidas após a aposentadoria. Concluem que a história ocupacional é refletida, com relevância, nas escolhas ocupacionais pós-aposentadoria, mas por outro lado, apontam para a possibilidade de a pessoa aposentada descobrir novas ocupações e ampliar o repertório ocupacional na fase da velhice. Como as questões de gênero, classe social e raça não foram consideradas nessa pesquisa, reiteram a necessidade de outras pesquisas que abordem esses aspectos.

Doimo et al.[11]investigaram o uso do tempo no cotidiano de 75 idosas em São Paulo/Brasil. As mulheres pertenciam a um grupo de convivência de uma Unidade Básica de Saúde, sendo a maioria de baixa renda e escolaridade incompleta. Os resultados evidenciaram que a maioria das “atividades principais” se enquadravam no grupo de atividades obrigatórias e necessárias à sobrevivência, incluindo atividades domésticas, de caráter produtivo e cuidados pessoais. As atividades de lazer são reduzidas, se caracterizaram como um lazer passivo e ocupam predominantemente o período da tarde, após a realização daquilo que é considerado essencial. Contudo, a influência de outros fatores como idade, gênero, grau de instrução e raça não foram investigados nesse estudo, dessa forma, os autores sugerem a realização de estudos qualitativos para compreender o uso do tempo de forma relacional.

A partir do exposto, pode-se observar que são frequentes estudos que investigam as ocupações dos idosos sem relacioná-las ao gênero e/ou raça e/ou classe social. Vários estudos, de natureza quantitativa, apontaram a relevância de estudos qualitativos para a compreensão da multiplicidade de fatores que perpassam o cotidiano e as ocupações desenvolvidas por pessoas velhas em seus contextos. Hammell [12,13] aponta a necessidade de haver uma compreensão plural e compatível com as realidades, em especial de povos desprivilegiados, que vivenciam as ocupações cotidianas com restrições. Além de analisar o impacto que os componentes biológicos, cognitivos e emocionais têm sobre a realização das ocupações, torna-se cada vez mais urgente, o entendimento dos determinantes sociais como obstáculos para a escolha e a realização de ocupações. Dentre os determinantes sociais que restringem as oportunidades

ocupacionais estão a desigualdade de oportunidades, a pobreza, a escolaridade incompleta, a violência, a desigualdade de gênero, o sexismo, o colonialismo, a homofobia a alimentação e moradia instáveis, a marginalização e o desemprego. Muitos desses determinantes compõem o perfil das participantes dessa pesquisa.

Diante do exposto, pergunta-se: Como se configuram as ocupações nos cotidianos de mulheres velhas em situação de vulnerabilidade social?

Objetivo Geral

Compreender a percepção de mulheres idosas sobre as ocupações em seus cotidianos numa comunidade de vulnerabilidade social no Brasil.

Objetivos Específicos

- Identificar quais são as ocupações vividas pelas mulheres velhas em situação de vulnerabilidade em seus cotidianos;
- Entender como as diferentes mulheres velhas compreendem suas vivências, motivações, gostos, necessidades, limites, potenciais, facilidades, dificuldades e transformações experimentadas nas ocupações cotidianas.

Materiais e métodos

Trata-se de um Estudo de Caso, por buscar compreender como os fenômenos da vida real acontecem em sua complexidade, integralidade e subjetividade, considerando as perspectivas individuais, sociais, políticas e organizacionais [14]. Este Projeto de Pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP-UFMG) - CAAE: 36344920.9.0000.5149 – em 03 de novembro de 2020.

Participantes

As participantes deste estudo residem na Vila Marçola situada no Aglomerado da Serra, periferia de Belo Horizonte/Minas Gerais. Segundo Nonato e Alves [15], o Aglomerado da Serra é o maior conjunto de vilas de Minas Gerais com 34.303 moradores [16]. O surgimento do Aglomerado é associado à construção da cidade de Belo Horizonte, que se deu há mais de 100 anos, quando ocorreram migrações de pessoas vindas do interior de diferentes estados brasileiros em busca de uma melhor qualidade de vida.

A definição de participação de 11 mulheres velhas foi feita por conveniência. Os critérios de inclusão foram ser mulher, ter 60 anos ou mais e morar na Vila Marçola. O critério de exclusão foi possuir manifestações, autodeclaradas ou declaradas por familiares de déficits cognitivos ou qualquer outro processo que levasse à impossibilidade de participar da coleta de dados.

A pesquisadora contou com uma informante chave- escolhida por ser uma liderança feminina, nascida na comunidade - que auxiliou no levantamento de mulheres que atendiam aos critérios de inclusão, mediando o contato inicial com as mesmas. A informante chave é uma facilitadora do processo de pesquisa que possibilita a aproximação da pesquisadora com o universo sociocultural estudado [17], uma vez que a pesquisadora parte de uma realidade privilegiada, possuindo aspectos raciais, de classe e faixa etária diversos das participantes do estudo.

A seleção das participantes da pesquisa também ocorreu pelos contatos da pesquisadora com um grupo da terceira idade que frequenta uma oficina livre na Escola de Artes e Cultura da comunidade. Além disso, as idosas foram convidadas a indicarem outras mulheres para contribuir com a pesquisa. A seleção foi encerrada quando as indicações realizadas pelas diferentes fontes de informação começaram a se repetir e não mais apresentaram novos nomes.

Método

A coleta de dados foi feita através de entrevista semi-estruturada, contendo em seu roteiro: a) questões fechadas sobre o perfil sociodemográficas das participantes; b) questões abertas, referentes à percepção que elas têm sobre como e porque ocupações são desenvolvidas por elas; qual o sentido atribuído às ocupações cotidianas, detalhando o que gostam e não gostam de fazer, o que fazem por obrigação, o que é mais importante, o que é mais fácil e mais difícil; e como resolvem os desafios que encontram no dia a dia.

Em decorrência da Pandemia da Covid-19, os procedimentos de segurança utilizados nas entrevistas seguiram os protocolos definidos pela Prefeitura de Belo Horizonte/MG/Brasil [18] e pelo Comitê de Ética em Pesquisa /UFMG. Assim, as entrevistas ocorreram em locais abertos, arejados, com pouca circulação de pessoas e com distanciamento entre pesquisadora e participante. Foram disponibilizados equipamentos de proteção, kits de higiene pessoal pela pesquisadora, bem como foram higienizados os objetos utilizados durante e ao final de cada entrevista.

Os conteúdos verbais e não verbais manifestados na coleta foram registrados através de diário de campo, gravação de voz e filmagem, com consentimento previamente expresso e assinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista com cada participante ocorreu em um único encontro, com duração média de 1h30 e foram conduzidas pela própria pesquisadora, terapeuta ocupacional, mestranda em Estudos da Ocupação/UFMG.

Análise de dados

Os áudios foram transcritos e um codinome foi criado por elas mesmas para identificação dos relatos. Foi utilizada a análise de conteúdo na modalidade de análise temática [19]. Inicialmente, realizou-se uma exploração “flutuante” das entrevistas, filmagens e registros das observações da pesquisadora, seguida de codificação dos dados com agrupamento dos temas semelhantes em categorias representativas e, finalmente, os dados foram interpretados para posterior diálogo com a literatura.

Resultados

Dentre as 11 participantes, a idade variou de 62 a 90 anos, sendo 75 anos a média das idades. Com exceção de Cláudia, que nasceu em outra periferia de Belo Horizonte, as demais vieram de cidades do interior de Minas Gerais. Quanto a raça a maioria se declarou morena ou negra e duas se consideraram brancas. Natalina ficou em dúvida, dada a mistura de sua origem com mãe indígena e pai italiano, transitando entre autodeterminação negra e amarela. A religião predominante foi a católica ao passo que duas são evangélicas. Sobre o estado civil, Teresinha de Jesus e Cláudia se mostram diferente do restante do grupo, sendo a primeira solteira e a segunda divorciada. Nove se casaram e destas, cinco encontram-se viúvas atualmente. O trabalho doméstico é de responsabilidade de onze participantes e o trabalho doméstico remunerado na casa de terceiros foi exercido por dez mulheres. Apenas Maria Bitencourt é costureira. Ofícios complementares ao trabalho doméstico foram a catação de materiais recicláveis, o cuidado de idosos e a varrição de rua. O tempo médio de moradia na Vila Marçola (VM) foi de 49 anos. Atualmente todas se sustentam com recursos aposentadoria, sendo que Gracinha recebe apenas a aposentadoria do marido falecido, pois não trabalhou fora de sua própria casa. A maioria recebe apenas um salário mínimo, enquanto Graça e Jô destoam do grupo, por terem acesso à dois salários mínimos resultantes da aquisição do salário de seus cônjuges falecidos. A especificação desses dados por participante encontra-se no Quadro 1.

Quadro 1: Perfil das participantes

Codiname	Data de Nascimento	Religião	Idade	Raça	Naturalidade	Tempo de moradia na VM
Teresinha de Jesus	01/09/1930	Católica	90	Negra	Conceição do Mato Dentro	50 anos
Rosa	21/06/1952	Católica	68	Negra	Raul Soares	46 anos
Natalina	25/12/1941	Católica	79	Negra/Amarela	São Geraldo de Taumim	61 anos
Gracinha	25/03/1958	Católica	62	Morena	Bananal/Tarumirim	29 anos
Graça	15/07/1951	Católica	69	Negra	Paraominha	50 anos
Cláudia	19/03	Católica	75	Negra	Belo Horizonte	40 anos
Ana	11/12/1946	Católica	73	Morena	Alto de Santa Helena	50 anos
Jô	26/06/1926	Evangélica	74	Negra	Uba	53 anos
Anita	26/07/1935	Evangélica	84	Branca	Mirabela	58 anos
Chiquinha	05/05/1953	Evangélica	68	Negra	São Miguel de Araponga	-
Maria Bitencourt	02/08/1935	Católica	85	Branca	Raul Soares	57 anos
Codiname	Nº de filhos	Nº de Netos	Estado civil	Profissão	Situação de trabalho	Renda (salário mínimo)
Teresinha de Jesus	0	0	Solteira	Doméstica	Aposentada	1
Rosa	7	6	Casada	Doméstica	Aposentada	1
Natalina	6	13	Viúva	Faxineira Cuidadora, Catadora de Lixo	Aposentada	1
Gracinha	11	21	Viúva	Dona de casa	Aposentadoria do marido	1
Graça	1	0	Viúva	Dona de casa	Aposentada	2
Cláudia	3	7	Divorciada	Doméstica	Aposentada	1
Ana	6	6	Casada	Doméstica	Aposentada	1
Jô	1	3	Viúva	Doméstica	Aposentada	2
Anita	4	13	Viúva	Doméstica, Varrição de rua	Aposentada	1
Chiquinha	10	8	Casada	Faxineira, Lavadeira	Aposentada	1
Maria Bitencourt	5	-	Casada	Costureira	Aposentada	1

Fonte: elaboração própria

A tecitura da vida cotidiana tramada pelas ocupações das mulheres velhas da Vila Marçola (VM) apresentou-se em quatro dimensões do cuidado: *(1) Cuidado Doméstico; (2) Cuidado das pessoas e da comunidade; (3) Cuidado de si; (4) Ocupações emancipatórias.*

Cuidado doméstico

Nascidas em diversas cidades do interior do Estado de Minas Gerais, compartilham por um lado, a experiência da roça, na qual a terra oferecia fartura e o envolvimento em diferentes

etapas de produção com uma relação mais próxima com a natureza: “*Na roça, mexia com lavoura: plantava colhia, comia, vendia. [...] Não queria largar a roça jamais. [...] (Lá) a gente tá acostumada com tudo farto [...] a gente come o que a gente colhe. (Graça, 69 anos)*”. Por outro lado, uma rotina de trabalho infantil árduo, com muita pobreza e exploração da mão de obra, por parte dos fazendeiros e proprietários de terras.

A gente sofre demais na roça. [...] A gente toda vida foi empregado dos outro. [...] (Nós) nunca teve nada, terreno. (Jô, 75 anos); Minha família toda vida foi muito pobre e a gente tinha que trabalhar pra ajudar. [...] Então desde muito novinha que eu comecei [...], honestamente, pra defender o da gente. (Rosa, 68 anos)

Identifica-se na geração dessas mulheres, o resultado da miscigenação ocorrida no Brasil em séculos passados no período de colonização: “*Minha mãe é índia e meu pai é italiano. Duas raça, né? [...] Ela foi robada dos índio. [...] Eles entrô naquela manada e robô a moça, crio ela marrada igual cachorro, na corrente, na corda. Mansô em casa*” (Natalina, 79anos).

Quando meninas, cuidavam do ambiente doméstico e do campo e ficavam responsáveis por outras funções domésticas junto das demais mulheres da família. Uma das participantes afirmou que a menstruação era o momento em que eram "intituladas" verdadeiras donas de casa, sendo treinadas por suas mães para as funções que lhe cabiam.

(Na infância e juventude), mãe ia na cidade, [...] e comprava um pano. [...] A gente comprava pra fazê camisa, [...] anágua. [...] A gente tinha tudo, num gastava dinheiro não. Pegava lá no mato. [...] Saia preta se quisé, ia moiano, moiano, depois punha num barro e [...] fica pretinho. [...] Faz(ia) peteca com capa de banana [...] e (punha) as pena. [...] E jogava bola de fruta de lobo. (Terezinha de Jesus, 91 anos)

Cresceram vislumbrando, nos grandes centros urbanos, a possibilidade de mobilidade social. Foram motivadas a migrar para a cidade para fugir do marido violento, do pai por estar grávida; do patrão agressor; bem como para tratamento de saúde de familiares. Afirmam que a vinda para a cidade com instalação em uma região periférica não foi uma escolha, mas sim a única alternativa viável. Ao chegar, as famílias numerosas ocupavam espaços sem saneamento básico, sem energia elétrica, com acesso restrito, distante dos comércios e tinham suas casas construídas com materiais recicláveis e outros insumos encontrados na mata. Viviam em situação de extrema pobreza e sem qualquer auxílio público.

Não chamava Vila Marçola não. [...] Não era igual hoje (que) é um beco aberto. Era trio mesmo, como se (tivesse) fazeno tria na mata. [...] Não tinha água, não tinha banheiro. Tinha fossa. [...] Foi muito difícil, porque era um cômodo só. Não tinha nem cama pra dormir. (Graça, 69 anos)

Inicialmente, na Vila Marçola, o cotidiano das mulheres era uma extensão da vida na roça. Afinal, os repertórios ocupacionais continuaram focados em ocupações domésticas, como buscar latas d'água na cabeça, criar animais (porco e galinha), lavar roupa no rio, buscar lenha na mata para cozinhar no fogão a lenha, passar roupa com ferro de brasa, cuidar das crianças e arrumar a casa. Essas vivências são permeadas por sofrimento e dificuldades, mas também por orgulho de terem conseguido sobreviver a tantas adversidades.

A gente morria de nojo de água na lata pra gente beber, fazer comida, tomar banho e lavar roupa. (Graça, 69 anos); Olha, era muito sacrifício, viu? [...] Comprar gás? Era mimo das pessoas que comprava gás. (Jô, 75 anos)

Aos poucos as mulheres foram ocupando outros lugares e vislumbraram nas casas de família, nos condomínios e nas empresas a possibilidade de exercer o trabalho doméstico com remuneração e, posteriormente, com carteira assinada. Assim, além de gerirem suas casas, tornaram-se responsáveis, também pela manutenção e cuidado de outros lares, assumindo jornadas extenuantes de trabalho para sobreviver, manter a família e gerar renda. Uma das participantes reforça que o exercício dessa função não era uma escolha, mas uma das poucas opções designadas socialmente às mulheres pobres e negras: “a gente não tinha outro serviço. [...] Casa de família era só exploração. [...] Era escravidão mesmo. [...]. A gente não tinha valor. [...] Trabalha sem direito a nada” (Anita, 84anos).

Eu fui trabaia numa casa, [...] e no dia que cheguei lá ela falou pra mim: ‘Aqui é tudo separado, viu? Cê não pode tomar café nem comer no nosso prato. E lavar roupa, cê lava a roupa dos meninos na segunda, terça feira cê lava a minha e do meu marido. Quinta-feira cê lava a sua roupa, mas num pode no tanque não. Cê tem que lavar lá na torneira do jardim, naquela bacia’. E me deu um prato grandão. Naquele prato eu tinha que comer comida, comer sobremesa, comer qualquer coisa e tinha que guardar separado. [...] Eu tinha que beber só naquele copo. [...] E tinha que guardar separado também. [...] Eu não podia entrar no quarto (do neném) também. [...] Ela falava assim: ‘Cê não entra não porque [...] neném novo pega doença.’ [...] Aí cada dia ela falava uma coisa. Falei: ‘Gente, eu preciso trabalhar, mas eu não preciso dessa humilhação não’. [...] Deve ser porque a gente é preto e pobre. [...] As pessoa de

antigamente achava que o dinheiro era acima de tudo, entendeu? [...] Preconceito, discriminação. (Graça, 69 anos)

Revelam que, à medida que a legislação trabalhista foi evoluindo, puderam garantir mudanças e melhorias nas relações com quem as contratava. Destacam que foi preciso muito esforço e sofrimento para uma mínima mobilidade social. Ser assalariada e ter aposentadoria garantida; poder comprar, construir e/ou melhorar a casa própria; ajudar os filhos financeiramente; e ter comida na geladeira foi significado por elas como “subir na vida”.

Algumas mulheres tomavam a maioria das decisões e foram conselheiras das ações de seus maridos, mas eles é que recebiam as gratificações. Outras reproduzem o machismo estrutural, afirmando existirem fazeres inerentes às mulheres. Verbalizam a concordância com “papel feminino” e o “papel de mãe”, perceptíveis quando se referem a fazer a comida para o homem, servi-lo na hora certa, lavar sua roupa, fazer sexo na hora que eles querem, cuidar dos filhos. Uma das participantes coloca em dúvida esses papéis, questionando: “*É certo ou é errado? [...] É difícil, porque é o que as mãe da gente ensinou, [...] aprendeu isso e passou pra gente. [...] (Cláudia, 75 anos).*

A varrição de rua, com carteira assinada pela Prefeitura, foi um ofício considerado disruptivo por garantir direitos trabalhistas e mínima estabilidade financeira. Em resumo, as mulheres deste estudo têm o trabalho doméstico como constituinte de seus cotidianos, seja ele remunerado ou não, desde a infância. Além da jornada de trabalho como doméstica, as mulheres encarregavam-se de outros trabalhos, sem vínculo empregatício, com o objetivo de complementar a renda, como: a costura de roupas finas e corriqueiras; a preparação de doces e chup-chup para serem vendidos na porta de casa; a catação de materiais recicláveis pelas ruas - papelão, vidro, plástico, alumínio; o comércio em bares e mercearias. A maioria desses ofícios conferia um reconhecimento social diferenciado, sendo mais valorizados, com possibilidade de formação de vínculos sociais, maior liberdade de criação e desenvolvimento de habilidades.

Na velhice não é diferente: continuam com múltiplas funções, conhecendo um “pouco de tudo”:

É proque a vida toda eu mesmo que faço de tudo! [...] Durante a semana, o que eu faço: [...] trato dos passarinho, trato das galinha, trato de cachorro, trato do gato, lavo as vasía, ponho comida, põe água. (Natalina, 79 anos); Tudo eu consigo fazer. Faço serviço de pedreiro, bombeira, encanamento de água, reboco, faço massa. (Graça, 69 anos)

Quanto à relação entre trabalho remunerado e gênero, na atualidade, as participantes percebem que houve um avanço. Afinal, as mulheres ‘podem’ exercer funções que antes eram desenvolvidas estritamente por homens, como por exemplo ser motorista, pedreira, jogadora, escritora. Além de outras conquistas sociais como o direito ao voto, poder usar calça comprida e poder estudar.

Apesar de estarem todas inseridas num contexto semelhante de vulnerabilidade - por habitarem a mesma vila, por serem do mesmo gênero e por terem uma faixa etária similar - reforçam que cada uma possui sua singularidade e envelhecem à sua maneira, não existindo um padrão único a ser enquadrado das mulheres velhas da Vila Marçola:

Aqui tem mulher que tá mais velha do que eu e tá mais forte (Gracinha, 63 anos); (Algumas mulheres) ficava mesmo só prá cuidar dos menino, das comida em casa, roupa. Agora eu não. Eu nunca tive o privilégio de cuidar só de casa (Ana, 73 anos).

(2) Cuidado das pessoas e da comunidade

O cuidado do outro surgiu como um elemento significativo do cotidiano dessas mulheres ao longo de toda a trajetória de suas vidas. Cuidar das pessoas foi relacionado com concepções da cultura cristã, na qual a ajuda ao próximo se caracteriza como um sacrifício, uma recompensa por toda a graça que Deus proporciona em suas vidas: “*O que a gente passo e o que a gente tá hoje, agradece a Deus. [...] Se os outro precisar de mim eu to ali.*” (Jô, 75 anos). Nesse sentido, dizem que o cuidado não pode ser negado e nem cobrado, precisa ser fundamentado no amor. A fé e a espiritualidade assumem um lugar representativo em seus cotidianos, na qual lhe é atribuída o motivo do êxito na trajetória de vida, além de ser um caminho possível para aceitação da finitude. Em uma outra perspectiva, os princípios da igreja católica também foram apontados, como uma forma de repreender e condenar as mulheres pelo exercício da sexualidade.

Algumas mulheres anunciam uma instância sagrada do cuidado feminino: o poder que trazem consigo da cura do outro. Compartilham um conhecimento ancestral que se origina da conexão com a natureza e com ervas medicinais.

De tudo quanto é foia, tem ali! [...] É milagroso! E aí ficou (meu) apelido de santinha. [...] (Aprendi) isso tudo é na roça! De nova. Proque lá a gente num usava remédio de médico não. (Natalina, 79 anos); Eu benzo (com palavras) e eu ensino chá. [...] A benção é um tipo de oração. [...] Me fortalece, porque você fazer o bem pros outros é a melhor coisa que tem. [...]

Enquanto eu guentiar falar e fazer minhas oração eu vou fazer. [...] Eu tenho orgulho das minha palavra. E aqui vem gente rica, gente pobre, vem todo jeito. [...] Ai eu benzo e se for de sará, sara. (Gracinha, 63 anos)

Uma das participantes, apesar de não conseguir identificar como aprendeu a cuidar, relata que as mulheres de sua família, que a criaram, tinham este mesmo “dom”. Acredita que tal habilidade, por não ter sido ensinada dentro do formato educacional vigente, se configura como um dom de Deus, que possibilita salvar vidas e fazer milagres.

Cuidar é uma herança que passa pelas gerações de mulheres da família. Mostram-se independentes por incorporarem esse conhecimento divino, tendo dentro de suas casas os remédios naturais que precisam. Esse papel ocupacional se apresenta com reconhecimento social, quando as pessoas diversas, de dentro e fora da comunidade, as intitolam curandeiras ou benzedeiros e confiam a elas pessoas queridas.

O cuidado de crianças confere à velhice um novo sentido de viver, trazendo alegria e disposição: *“Com esse negócio do pequeno i pra lá pra casa, eu vivi. Tô viva! [...] Todo dia eu brinco muito com ele. [...] Alegria a casa direto e me encanta. [...] Ajudou a tirá a tristeza da gente” (Teresinha de Jesus, 91 anos).*

O cuidado com as pessoas doentes é uma dimensão vivenciada frequentemente por elas e, nessa perspectiva, a culinária foi simbolizada como uma forma de cuidar do outro, de demonstrar afeto, de manutenção da vida e de sustento do corpo, da alma e das relações.

(Com meu marido doente) o angu tinha que cozinhar até a rapa sortá da panela. Ai fazia aquilo pra ele. [...] Comia com a boca tão boa! [...] Ai passado um tempo, vem o filho dele também. [...] Deu câncer na garganta. [...] e ele não podia comer. [...] E eu cuidano dele. [...]. Tinha que ser uma coisinha muito ralinha, muito coadinha. (Jô, 75 anos)

O senso de coletividade transborda dos relatos das mulheres, que investem tempo no cuidado com a comunidade. A sororidade é compartilhada como prática recorrente e necessária para o enfrentamento das múltiplas vulnerabilidades nas quais estão expostas. Uma idosa diz de seu desejo de ter mais estabilidade financeira para ajudar uma família vizinha em situação de risco: *“Se eu viver até lá e se eu tirar um dinheirozinho, eu vou dar uma força de arrumar aquele negócio. [...] Morro de medo daqueles fio tá dormindo e aquela laje cair e matar esse povo” (Jô, 75 anos).* Várias outras ações foram citadas nesse sentido, como: contar com ajuda das vizinhas para realizar uma ocupação que não estava habituada ou que tinha dificuldade ou

que estava incapacitada de fazer; compartilhar, sem que o marido soubesse, da água encanada de suas residências com mulheres que tinham menos acesso a esse recurso; ajudar, com tarefas domésticas, uma mulher recém parida; guardar segredo das mulheres que trabalhavam escondido do marido para ganhar dinheiro; ajudar na criação dos filhos dos vizinhos.

(3) Cuidado de si

O cuidado de si aparece secundariamente, quando comparado às outras ocupações descritas. Apresenta-se com um repertório pouco diverso, na maioria das vezes, atrelado às ocupações básicas como tomar banho, vestir roupa limpa, arrumar o cabelo, cortar as unhas, deixar a casa limpa. Em algumas entrevistas, esta forma de cuidado nem é citada.

Cuidar de mim mesma quê que é? É tomar um banho, dá faxina no corpo. E agora, depois de véia, eu mesma quero tirar os branquelo da minha cabeça, eu mesma que pinto. [...] Aí ele fica do meu jeito[...]. Num tô gastando dinheiro. [...] Se ocê num tiver um trabaio pra cuidar do seu corpo, cê num tem nimação de cuidar de mais nada (Natalina, 79 anos); Eu acabo de fazer a unha, (mas) eu não gosto de ver a panela preta. [...] Estraga a unha tudo (Ana, 73 anos).

As mulheres, ora trazem o empobrecimento do repertório ocupacional de cuidar-se com um tom de desvalorização de si ou de falta de merecimento: “*Cuidar de mim [...] eu não ligo muito pra isso não*” (Jô, 75 anos); ora atribuem um sentido diferente, que resiste aos padrões de beleza impostos às mulheres velhas. Nesse sentido, afirmam que não precisam “maquiar” a realidade, pois é necessário aceitar-se como são: “*Não é ficar limpando, ter roupa bonita, e vestir as coisa que faz a gente feliz não. A gente tem que ser feliz do jeito que a gente é*” (Jô, 75 anos). Sentem-se bem por cuidarem de si ao invés de terceirizar o serviço.

Apenas uma idosa diz da primordialidade de estar bem para exercer o cuidado do outro. Quem cuida também precisa de cuidados, visto que essa função exige envolvimento físico, afetivo e espiritual. Tratar de doenças e seguir orientações médicas também foi colocado como um cuidado de si.

Ao discorrerem sobre quais ocupações desenvolvem para si mesmas e o que gostam de fazer em momentos que não estão trabalhando, a maioria das mulheres associa o ‘gostar de fazer’ ao ‘saber fazer’, não estabelecendo relação entre o que gostam de desenvolver e o prazer resultante desta ação. O gosto veio atravessado, nos relatos das participantes, pelas questões históricas de classe e gênero, uma vez que o saber fazer relaciona-se com as ocupações que as meninas pobres aprendiam desde pequenas - uma capacidade estimulada/exigida e adquirida

que se tornou hábito: “*Antigamente ninguém aprendia a fazer crochê, nem tricô, nem nada. [...] Isso aí, é só pra gente mais rica que aprendia a bordar, fazer renda, esses negócio*” (Graça, 69 anos). O gostar, em algumas entrevistas, apareceu como sinônimo de obrigação e em outras como a contemplação da casa bonita e bem arrumada. Apontam dificuldade em descansar ou não fazer nada e não conseguem reconhecer ocupações que não gostam de executar, pois isto não é uma opção em seus repertórios ocupacionais: *Falar o que eu não gosto? Eu tenho que fazer, então eu tenho que gostar! Tem que fazer com amor ainda! Então a gente não tem que não gostar de nada não. A gente tem que gostar de tudo!* (Rosa, 68 anos)

Tudo quanto há, tudo quanto é serviço de horta eu sei fazer, graças a Deus. Por isso que eu gosto de roça. Acostumada. [...] Não tem nada que eu não gosto. [...] Só ler que eu não sei se eu não gosto não. Eu não sei mexer nem no telefone assim, ó! No celular eu não sei. Não (gosto). Eu não aprendo de jeito nenhum. A cabeça parece que não dá. Até uma televisão se ela for muito complicada eu não sei por. [...] Mais fácil é o trabalho de casa. Pra mim é mais fácil. É uma comida, (por)que aí eu já sei, né? E é a rotina do dia-a-dia desde pequena. (Ana, 73 anos)

(4) Ocupações emancipatórias

A aposentadoria foi referida pelas participantes como um divisor de águas de suas trajetórias de vida.

Hoje nós tamo no céu. [...] Hoje tá bom, já sou aposentada, tenho meu dinheirinho, [...] faço o que eu quiser. [...] Dormindo sossegada. Então pra mim melhorou 100%. (Anita, 84 anos); Se não quiser trabalhar, eu não preciso. Eu tenho meu salário (de aposentada) pra comprar meu sustento, o remédio que eu preciso. (Ana, 73 anos)

As idosas passaram a vida trabalhando a maior parte do tempo e ganhavam um salário irrisório em ocupações destinadas às mulheres, pobres e negras: “*Agora (que aposentei) a gente tem tempo pra tudo. [...] Foi bom porque entrô um dinheiro mio pra gente. Porque a gente trabalhava muito e ganhava pouco*” (Terezinha de Jesus, 91 anos). O trabalho doméstico, na aposentadoria, foi ressignificado, uma vez que diminuiu a obrigatoriedade e a pressão do tempo para realizá-lo. Na atualidade, também fazem referência ao cozinhar, plantar e rezar como práticas cotidianas que geram bem-estar; evitam pensamentos fantasiosos; proporcionam sentimento de utilidade; estimulam a cognição; aliviam sentimentos incômodos; renovam a esperança; possibilitam a liberdade, criatividade e inovação.

O mais importante pra mim é cozinhar. Eu gosto de cozinhar, gosto de inventar moda. Quando eu to ali eu não tô pensando nada, eu não tô pensando besteira, [...] coisa passada. E se eu tô mexendo na cozinha, [...] é aquela correria e o tempo passa. A noite chega e cê vai dormir.[...](Fico no) presente! (Jô, 75 anos); A diversão maior minha é essas pranta. [...] As vezes eu tô amolada com alguma coisa, porque tem hora que a gente amola, né? [...] Eu venho aqui pra (área) ponho um punhadin de água num e notra e quando eu vorto eu já vorto boa. (Maria Bitencourt, 86 anos).

O retorno para a roça e o envolvimento com o trabalho do campo, foi relacionado à satisfação de lidar com a terra e o plantio. Outras tiveram a oportunidade de se reinventar, vivenciar novas habilidades, se manterem ativas e aumentar a renda.

Essas mulheres puderam também acessar as diversas ocupações ligadas à arte, cultura e saúde. As ofertas partiram de iniciativas públicas, privadas e organizações do terceiro setor, de dentro e fora do Aglomerado, que desenvolveram ações destinadas às pessoas velhas. Dentre as iniciativas, foram citadas: o Seu Vizinho (Escola de Artes Periférica e Livre), o Centro Cultural Vila Marçola, o Criança Esperança, o CRASS, o Cenáculo Espírita Thiago Maior e a Escola Levindo Coelho. As relações sociais se intensificaram nesses projetos, quando então, puderam usufruir o tempo livre para circular pela cidade, desenvolver atividades culturais junto a outras pessoas, fazer visitas, realizar várias atividades, inclusive viagens e passeios municipais, intermunicipais e interestaduais. Houve uma ampliação do repertório ocupacional dessas mulheres. A partir dessas vivências puderam construir novas perspectivas ocupacionais para quem envelhece no território.

Depois que foi multiplicano, que foi apareceno essas coisas pras muié fazê, igual o CRASS. Umas vai pra aula, outras vai pro crochê [...]. Eu conheci muito lugar foi através do CRASS, passeando. (Ana, 73 anos); (Eu fazia yoga e zumba) mais é pra poder fazer atividade física mesmo. [...] Ai chega lá a gente diverti. [...] Eu fazia hidrogenástica no Criança Esperança (Rosa, 68 anos); O que eu mais gosto de tá é no Seu Vizinho, nas Vizinha das Cantiga, porque a gente não tem esse hábito mais de ficar indo na casa dos outro, igual a gente ia [...] pra conversar, [...] tomar um café, [...] (dar) aquele abraço, aquele aconchego, aquele amor pelo vizinho. (Graça, 69 anos); E o grupo das mulheres, nós todas lá, juntas! [...] É o grupo das Vizinha das Cantiga é muito bom por isso: uma conversa com a outra, sorri, brinca, tem a hora da merenda que é muito bom também. E tem as atividades que a gente faz: escrever, [...] bordá, [...] conversá, discutir sobre os assunto da semana. [...] Gostei porque é uma atividade que refresca a mente. A gente tando ali, a gente não tem nada a pensar, só tá

pensando naquilo ali e fazendo e fazendo. Não pensa em nada do mundo, nada ruim. [...] é ruim a hora de vim embora (Cláudia, 75 anos).

Percebem que desenvolver atividades de forma coletiva, com pessoas da mesma faixa etária, proporciona resgate da cultura, dos princípios e das tradições antigas, que foram perdidas ao longo do tempo, bem como promove status e emancipação. Afirmam o prazer em reviver o costume interiorano que preza pela conexão entre as pessoas.

Estudar na Educação para Jovens e Adultos (EJA) foi outra ocupação oportunizada após a velhice, apontada como uma ação de resistência aos impedimentos que viveram desde a infância, quando eram proibidas de ir à escola. Relatam que os pais usavam da privação do estudo para controlar o comportamento das filhas mulheres, pois entendiam que o conhecimento gerava poder, independência, liberdade e possibilidade de transgressão. Foi unânime o entendimento do estudo como possibilidade de acessos à diferentes formações e experiências profissionais mais rentáveis, dignas e valorizadas socialmente.

A EJA é essa que nós tá nela. [...] Tenho vontade de saber escrever e saber ler. [...] Porque eu acho muito bonito a pessoa saber ler. [...] Eu pego um papel assim e eu não sei ler. Pego o celular assim e não sei que tá escrito (Cláudia, 75 anos).

Algumas mulheres falam da cultura letrada como um sonho a ser conquistado, mas também a vêem como um desafio por ser um tipo de inteligência pouco estimulado em suas trajetórias de vida: *“Pintou a escola e eu fui pra escola. Uma hora aprende, na outra hora num aprende nada, mas tá lá! A cabeça não tá tampada, né? (Terezinha de Jesus, 91 anos)”*. Expandem o sentido de educação, quando, por exemplo, inauguraram em sala de aula a reflexão sobre sua identidade racial: *“Isso aí a gente nunca conversou com os vizinho, (de falar o) tipo de cor. Porque as pessoa mais vizinho meu tudo é escuro. Nunca foi um assunto que caísse. [...] Lá (na EJA) nois estudava (sobre isso)” (Natalina, 79 anos).*

O entendimento de que o pai *“ele não deu nós o estudo não, mas deu nós educação. Deu nós (a consciência) de que nós pode entrar e sair em qualquer lugar de cabeça erguida”(Jô, 75 anos)*, contribui com a visão ampliada da educação.

A interrupção na participação nos projetos sociais e na Educação para Jovens e Adultos (EJA) em função da Pandemia da Covid-19, impediu a manutenção dos vínculos com amigos familiares e vizinhos e a realização de ocupações relevantes, sendo afirmada como outro cerceamento vivido.

Cê num pode tê nada. Cê num pode tê um passeio, cê num pode ter nem uma atividade, nem estuda. [...] Só tá destruindo o povo. [...] Tá horrível” (Natalina, 79 anos); Eu sinto que a gente fica presa demais (Gracinha, 63 anos); Antes da pandemia dava pra saí pra uma vizinha, batê um papo. [...] com essa pandemia cabo! Eu sei que tá muito sem graça. [...] Fazendo atividade nenhuma.[...] Mas a gente tem que aceitá.[...](Pedindo)força e a paciência pra gente guentá esperá (Teresinha de Jesus, 91 anos); Pra mim é o fim do mundo. [...]Porque antigamente eles falava que ia vim umas doença que a gente num sabia nem como é que curava elas. Então nós tamo ino pro final (Maria Bitencour, 86 anos); Muito difícil, porque eu gosto de ir e vir, né? [...] costumou a sair todo dia, ir na ginástica, ir lá na escola, ir a na Vizinha das Cantiga pra fazer atividade, [...] e agora nada disso. [...] faz em casa mas não é como tá no grupo.[...] Então a gente tem que [...]procurar fazer alguma coisa pra ocupar a mente, pra não ficar pensano só nisso, porque se ficar pensano vai ficar doido, vai pirar, vai ficar doente (Graça, 69 anos); Muito triste [...]uma doença que não acaba (Ana, 73 anos); tô me sentindo sozinha. [...]eu gostava mesmo era de ir pra escola, pra aula de história e de canto. Isso aí eu gostava e gosto. [...]Eu sinto muita falta, porque a gente vê todo mundo, a gente vai aprendendo, a gente vai ensinando (Jô, 75 anos).

Apesar de conscientes dos riscos de contaminação do coronavírus, afirmam ter mantido circulação pela cidade, pois precisam resolver questões básicas à sobrevivência, sem que pudessem contar com alguém que fizesse por elas, como ir ao médico, comprar alimentos, buscar remédios: “(tenho) meus afazer. [...] Sair a gente tem que sair [...]. A gente sai é prevenido e com Deus. É o único jeito” (Cláudia, 75 anos). Compreendem a ameaça aumentada para as pessoas mais velhas e compartilham os cuidados adotados: “Sair na rua, sai de máscara (e) não entra em desespero” (Chiquinha, 68 anos). A partir da vivência pandêmica, algumas relembram outros momentos de calamidades públicas que já passaram, revelando estarem sentido e passando por uma situação já conhecido: “Já aconteceu outras antes. [...] outras doenças [...] (como a gripe) espanhola” (Chiquinha, 68 anos).

De uma forma geral, ao dizerem sobre como tem vivido a velhice, as participantes transitam entre potenciais e limitações dessa fase da vida. Por um lado, algumas se aceitam e se sentem bem com o corpo envelhecido, a cabeça branca, a companhia dos filhos e netos, o casamento e o namoro na velhice: “É bom envelhecer! [...] Porque envelhecer não é feio, envelhecer não é defeito, envelhecer não é triste” (Jô, 75 anos). Revelam o desejo e capacidade de aprender coisas novas, evidenciando uma aprendizagem que se dá na prática cotidiana, ao longo da vida: pautada na observação e na própria realização das atividades. Falam da expectativa de aprimoramentos de “saber fazer”. Viver a sexualidade foi afirmado como uma

possibilidade que iniciou na velhice. Ter um namorado, ir ao barzinho com ele para dançar, se divertir acompanhada, fazer sexo, se apaixonar, sentir prazer foram vivências experimentadas e desejadas pelas participantes. Para algumas a viuvez é entendida como a viabilização de controlar a própria vida, de escolher fazer o que quer, desvinculando-se do seu histórico de submissão ao marido e à família.

Por outro lado, as mulheres reconhecem as mudanças no desempenho das ocupações, no tempo de execução, no próprio corpo e no funcionamento cerebral, como dores, cansaço, fraqueza, vagareza, esquecimento e dificuldade de aprendizagem. A dificuldade de perder a independência e autonomia, que implica na terceirização das ocupações e na inevitabilidade em pedir ajuda é um temor consensual. Tarefas mais difíceis são associadas àquelas que precisam de ajuda de terceiros. A maioria reforça que estar ativo no mundo é algo que engrandece as pessoas, o que justifica o desejo de continuarem em atividade. Alguns relatos vinculam a ocorrência de tristeza e sofrimento na velhice das mulheres da Vila Marçola com o envolvimento dos filhos e maridos com álcool, drogas ou com a criminalidade. O medo da morte foi relatado, especialmente quando envolve situações de violência e com risco iminente de se contaminarem com o coronavírus. A pandemia da Covid-19 trouxe a possibilidade de antecipação da morte em suas vidas e na de seus familiares, angústia e preocupação estas que permearam todas as entrevistas: *“eu tenho medo. [...] A gente vê aquele tanto de sepultura aberta lá. Só aquilo deixa a gente de cabelo em pé”* (Rosa, 68 anos).

Dentre os sonhos estão o desejo de viajar, empreender, escrever um livro autobiográfico, aprender a ler e escrever, estudar, ajudar os vizinhos na reforma da casa, continuar a construção da casa própria, estudar teologia, aprimorar os conhecimentos de costura e bordado e adotar uma criança: *“(Meu sonho) é aprender mais coisa. [...] Menino não fica pensando que arte ele vai fazer? Eu tô aqui pensando o que é a arte que eu vou aprender. É gostoso, só! [...] Eu posso aprender pra mim fazer pra mim, posso aprender pra passar pra outra pessoa”* (Chiquinha, 68 anos).

Discussão

Ocupações do passado que tecem o presente

A colonização do Brasil ainda se faz presente nos dias de hoje na vida das pessoas velhas em situação de vulnerabilidade social. Os impactos das imposições e miscigenações culturais reverberaram nos cotidianos interioranos que viviam e na região periférica atual.

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências. Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades [20].

As mulheres velhas, negras e pobres da Vila Marçola atestam a condição desigual de viver na sociedade brasileira, através de suas ocupações cotidianas ou da ausência delas, as discriminações sofridas ao longo de suas vidas. Fragmentos de tempos passados e presentes revelam diferentes ocorrências cotidianas de desigualdade: o trabalho doméstico não remunerado, condicionado desde a infância como ocupação obrigatória e inerente à natureza feminina; o trabalho de domésticas como única possibilidade de ganhar dinheiro, onde eram humilhadas, violentadas, pouco remuneradas e sem direitos trabalhistas ou com vínculos trabalhistas precários; a ausência de lazer e sem tempo de fazer outras coisas que gostam; a ausência do estudo como forma de controle social; a impossibilidade de votar, por ser uma ocupação estritamente masculina; o sexo como obrigatoriedade para servirem incondicionalmente seus maridos; a educação dos filhos como algo exclusivo da mulher; o cuidado de si como inexistente ou colocado em segundo plano. No entanto, à luz de Castel [21] não estão excluídas da sociedade contemporânea, pois a periferia não está separada da cidade, assim como seus papéis sociais marginalizados não lhes destituem da condição humana

A compreensão dessas experiências cotidianas impõe uma densidade analítica que, sobretudo, contrapõe o entendimento do desempenho da pessoa em ocupações e seus significados de forma individual. Faz-se necessário incluir a análise de como as relações de poder entre raça, classe, gênero e idade contribuem para a perpetuação ou desconstrução dos padrões ocupacionais existentes na sociedade[22]. Ferrufino et al. [22] afirmam que a análise dicotômica das pessoas e seus contextos reforçam a discriminação e segregação, reproduzindo-as. A interseccionalidade perpassa a trajetória de vida das mulheres residentes na Vila Marçola. O que, quando, onde e como as ocupações cotidianas acontecem está imbricado às estratificações sociais, ao gênero, à raça. À luz da geometria variável proposta por Hirata [23] a

idade é, neste estudo, um elemento analítico à dimensão da interseccionalidade - raça, gênero e classe social. As relações de raça, gênero, classe e idades conferem às participantes desta pesquisa múltiplos estigmas e limites para o exercício da cidadania.

As mulheres da Vila Marçola, ressaltaram as questões de classe, gênero e idade, ficando a raça mais naturalizada. Atribui-se este fato ao cenário brasileiro que não se diz racista e se ampara no mito da democracia racial [20,24], bem como à explicação apresentada por uma das participantes, que aponta a ausência de oportunidades de frequentar a escola, como obstáculo para a identificação ou reafirmação identitária. Os espaços de produção de conhecimento, onde a promoção dessas discussões poderia ser disseminada e potencializada, ainda são pouco inclusivos, com o crescimento neo-liberal [25].

Há uma centralidade do “cuidar” na vida dessas mulheres [26]. O cuidado compõe a tecitura do cotidiano das participantes dessa pesquisa de maneiras plurais, ora com sentidos convergentes, ora divergentes, mas sempre como um elemento estruturante de suas trajetórias. A pluralidade desses sentidos está na atribuição do cuidado como trabalho doméstico remunerado ou não, cuidado do outro e da comunidade, cuidado de si e as novas atividades realizadas em diferentes projetos de convivência.

As ocupações de reprodução, manutenção do bem estar social e de cuidado indireto, desempenhado por mulheres, também são compreendidos como o “cuidar” que viabiliza e dá sustentação ao modelo de vida contemporâneo [26]. O trabalho doméstico, concebido como trabalho de reprodução e manutenção da vida, com cuidado dos filhos e da casa, se estendendo para o campo (agricultura) é a base para o desenvolvimento capitalista, possibilitando o desdobramento de todas as outras formas de produção, que por sua vez, dependem da exploração do trabalho doméstico feminino para a acumulação de capital [29].

Carneiro [27] faz uma retrospectiva da objetificação das mulheres negras brasileiras pelo trabalho “*durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas (...). Hoje empregadas domésticas de (outras) mulheres*”. A regulamentação do trabalho doméstico no Brasil também contribui para o entendimento do uso abusivo da mão de obra feminina e negra, uma vez que foi instituído tardiamente em 2013 [28]. Carneiro [27] ressalta a desigualdade racial entre mulheres, no mercado de trabalho, no qual as negras de classe social desprivilegiada são inferiorizadas nos processos seletivos, na alocação da mão de obra, no pagamento e reconhecimento pelo que fazem.

As relações entre “gostar de ocupar-se”, “saber fazer desde nova” e “ser obrigada a gostar de fazer”, aponta a lacuna ideológica das teorias de escolhas ocupacionais centradas no indivíduo e na naturalização do trabalho feminino: *“Se realizar certas tarefas é considerado natural, então espera-se que todas as mulheres as realizem e que, inclusive, gostem de fazê-lo”* [29,p.46]. Desde a infância as mulheres são condicionadas ao cuidado da casa. Subordinação esta que, além do passo a passo de realização das funções, ensina a submissão, a dependência financeira e afetiva, a tradição de sacrificar, *“e até mesmo sentir prazer com isso”* [29,p.44]. Federici [29] desconstrói a ideia de que a mulher vem ao mundo com essas predisposições, uma vez que tais atributos são funções de trabalho alcançadas após muitos anos de experimentação. As idosas foram submetidas ao longo da vida às oportunidades limitadas de ocupar-se; conviveram em um território no qual a cultura construída em torno do papel feminino era restritiva; e tiveram seus desejos e ideais de ocupar-se impactados pela convicção de que determinadas ocupações não era para elas, simplesmente pelo fato de serem mulheres, negras e pobres. Para exemplificar, antigamente as ocupações que exigiam delicadeza manual, como bordado, renda, crochê, tricô, foram traduzidas, por elas, como ofício de mulheres ricas, enquanto as pobres se destinavam ao trabalho árduo, pesado do cuidado do campo, da casa e da família. Hoje, o corpo sofrido, com dores e limitações físicas é, também, percebido por elas como resultado das ocupações que lhe foram designadas em suas trajetórias.

As oportunidades ocupacionais são distribuídas injustamente na sociedade [13]. O repertório de possibilidades de ocupar-se e decidir-se são determinadas pelas estruturas sociais, políticas e culturais, uma vez que influenciam o imaginário das pessoas sobre ocupações que são ideais, reais e/ou possíveis de serem desenvolvidas [13]. Não são todas as pessoas que possuem oportunidades de “escolher, moldar e orquestrar” suas ocupações [12]. Ao se desenvolverem em um ambiente desigual, as pessoas são “moldadas” quanto ao que “são capazes de fazer, podem escolher fazer, acreditam que podem fazer, ou podem se visualizar fazendo” [13]. Desta forma, mesmo quando as pessoas têm a oportunidade de experimentar um amplo repertório ocupacional, podem permanecer limitadas em suas escolhas pela crença da incapacidade e inabilidade, pela falta de internalização dessa possibilidade, ou mesmo por não se considerarem merecedoras dessa vivência, dentre outros [12]. É necessário desnaturalizar o alcance da autonomia, o envolvimento em ocupações que promovem a saúde e o bem estar, bem como o sentimento de ser capaz de fazer algo quando não existe um apoio social para iniciar ou sustentar uma escolha [13]. Hammell [13] prepondera a ideologia neoliberal de autogestão, que atribui à escolha e performance individual, o sucesso e o fracasso social.

É impossível enquadrar as ocupações exercidas por essas mulheres em três grandes categorias - autocuidado, trabalho gerador de renda e lazer - como se existissem de forma desconectada [13]. As categorizações preestabelecidas tendem a desconsiderar as experiências subjetivas, as necessidades, os valores, as crenças e a cultura local, impossibilitando a compreensão das experiências ocupacionais no cotidiano humano [13].

A tradição do cuidado doméstico e do cuidado do outro, mantiveram-se presentes na aposentadoria, ocupações estas que são conhecidos como contínuas na vida das mulheres que envelhecem no Brasil [13]. Afinal, a velhice também é resultado de uma construção de vida, sendo continuidade do que ocorre em idades e gerações anteriores [8]. Contudo, conforme anunciado por Xavier et al. [10], mudanças cotidianas também foram reflexo da aposentadoria, com a possibilidade de ampliação do repertório ocupacional, de ressignificação de ocupações já desenvolvidas e de sentimento de liberdade ao ocupar-se. Puderam usufruir de direitos fundamentais, como segurança, liberdade de escolherem do que se ocupar, de existir com dignidade, tendo momentos de lazer e descanso, de garantia da subsistência e moradia.

Após a aposentadoria, muitas mulheres ingressaram na Educação para Jovens e Adultos (EJA). Vindas de periferia, com seus corpos femininos, envelhecidos, negros e da periferia estão ocupando lugares que escolheram, como a escola, não obstante os impedimentos familiares e sociais vividos todos esses anos e do ageísmo que enfrentam hoje. Angela Davis [30] revela a privação do estudo como uma prática implementada desde o período da escravidão como uma forma de conter comportamentos que desagradavam e ameaçavam o poder dos escravagistas. Logo, era incutido aos escravizados uma suposta incapacidade intelectual [30]. Em contrapartida, a autora sustenta a construção do conhecimento como um desejo inerente dessa população, que precisou lutar ferozmente para adquirir o direito ao estudo, assim como ao voto e à posse de terras.

Estudiosos da área [31,32] apontam para a relevância desses espaços quando comprometidos com a educação de camadas populares e com o enfrentamento das discriminações presentes no processo educacional do país. Defendem a implementação de práticas educacionais na EJA que considerem as realidades das pessoas envolvidas, suas origens, trabalhos, manifestações culturais e as relações intergeracionais [31,32], visto que as posturas discriminatórias, ao longo da história do Brasil, impediram adultos e idosos de usufruírem desse direito social [31].

O movimento ocorrido na vida das participantes dessa pesquisa, na velhice guarda, de certa forma, uma aproximação com o que Federici [29] chama de comunidades de cuidado. A autora revela que novas práticas coletivas de mulheres têm ganhado força, em diferentes lugares do mundo, com crescente potencial de empoderamento para as envolvidas e subversão da lógica perversa do capital. Os movimentos comunitários que promovem “comunidades de cuidado”, autoreprodução e consequente autosustentação são uma ação possível de confrontação às discriminações de raça, classe, gênero e idade. De uma forma não organizada politicamente e sem um objetivo de autosustentabilidade financeira, as mulheres desse estudo, caminham na direção do coletivo, criando formas de resistir às vulnerabilidades impostas e de se (re)produzir. Afinal, se encontram com outras mulheres, de faixa etária aproximada e trajetórias semelhantes, em espaços coletivos, proporcionados por iniciativas públicas, privadas e do terceiro setor, onde se ocupam de forma coletiva e desenvolvem laços comunitários. Além disso, constroem um princípio de cooperação e co-responsabilidade, cuidam umas das outras, ampliam a autonomia, aproximam a distância do que é produzido com o que é consumido [29].

Em todas as entrevistas às ações que ocorrem nos projetos sociais do Aglomerado da Serra e em suas redondezas foram mencionadas, demonstrando grande envolvimento de mulheres da terceira idade da região. Das 11 entrevistadas, 9 já participaram ou participam de alguma das referidas iniciativas, com oportunidade de escolher do que se ocupar, diante de uma pluralidade de opções, como dançar, cantar, contar histórias, viajar, pintar, bordar, ler, escrever, tocar instrumentos, conhecer museus, teatros, cinemas, fazer hidroginástica, yoga e zumba. Compreende-se que as atividades desenvolvidas pelas iniciativas referenciadas não estão livres de determinações socioculturais que predispõe a escolha [33]. No entanto, nesses projetos observa-se a vida dessas mulheres sendo movida pelos desejos de se expressarem, de compartilharem e de aprenderem.

Fazem referência aos encontros nesses projetos como uma oportunidade de ter momentos lúdicos, de prazer, descanso e criatividade; contar suas histórias; resgatar valores e princípios de seus povos; confraternizar; fazer amizades e ampliar os vínculos sociais; sorrir, demonstrar afeto e se sentir amada; sentir pertencente a um grupo; conhecer lugares diferentes; ser vista por outras pessoas e se enxergar de um outro ponto de vista; experimentar novas habilidades; aprender e ensinar umas para as outras; rever suas potencialidades e reconhecer suas limitações, por vezes identificadas nas outras mulheres com trajetórias similares. Daher e Debona [34] já apontaram em pesquisa qualitativa que as mulheres idosas (sem analisaremos contextos socioculturais de pertencimento) procuram grupos de convivência para viver a velhice com

qualidade, reelaborando suas vidas, se mantendo ativas, saudáveis e independentes, sendo motivadas pela interação social, com possibilidade de compartilhar o “bem viver”. Contudo, o presente estudo revela os sentidos que as mulheres velhas, pobres e negras dão à participação nesses projetos de convivência: inaugura-se a opção de escolhas ocupacionais, mesmo que dentro de um acervo definido de opções. Escolhas relativizadas, porém mais próximas da liberdade. As experiências culturais e artísticas nessas iniciativas, quando são “de construção compartilhada e democrática”, produzem formas de ser, estar e agir no mundo, podendo transformar o cotidiano das pessoas envolvidas[35]. Mobilizadas por ideais comuns, podem se afirmar individual e coletivamente, como atrizes sociais de direitos através de práticas emancipatórias, heterogêneas e de resistência que auxiliam no enfrentamento de conflitos sociais, discriminação e exploração presentes na sociedade moderna [35].

A historicidade dos fatos ocorridos ao longo da vida e suas repercussões na identidade de idosos e em suas escolhas ocupacionais na velhice, foi afirmada por Ghiglieri, McAndrew, Baum e Taff [9], em estudo fenomenológico com idosos estadunidenses heterogêneos quanto ao gênero, escolaridade, renda, raça e capacidade física. O presente estudo avançou na compreensão de como que ser mulher, pobre e negra no Brasil implica no cerceamento das escolhas ocupacionais de velhas que vivem em cotidiano de vulnerabilidade social. Além disso, neste estudo a historicidade foi traçada, especificamente, a partir do histórico ocupacional das mulheres revelando um perfil semelhante das ocupações e papéis ocupacionais realizadas em seus cotidianos. O cotidiano de vulnerabilidade social, portanto foi compreendido em sua relação com as ocupações [36].

A interrupção dos encontros nos diversos projetos sociais e a possibilidade de rompimento dos vínculos sociais e familiares, causado pela Covid-19, constituíram-se um “novo” cerceamento ocupacional, acompanhado de medo, angústia, tristeza e solidão. O mundo todo foi repentinamente obrigado a enfrentar as privações ocupacionais que a Pandemia proporcionou, mas mesmo nesse cenário, as oportunidades ocupacionais são experimentadas diferentemente entre as camadas sociais [13]. Os laços, as possibilidades para decretar escolhas, o acesso a plataformas na internet para aulas, encontros com amigos e cursos não são uma realidade igualmente acessível para todos [13]. Pessoas em situações sociais desprivilegiadas estão mais suscetíveis à maior risco de morte pelo vírus, à perda de emprego, à divisão das casas com número maior de pessoas, ao acesso restrito à internet, bem como estão mais expostas a lugares com alta circulação de pessoas para desfrutarem de momentos de lazer[13]. As idosas deste estudo possuem limitações no universo digital e na cultura letrada.

Reforça-se assim que a tomada de decisão para ocupar-se na Pandemia está imbricada às questões de classe, raça, gênero e idade, podendo resultar em impactos desastrosos no cotidiano. Aquelas ocupações que implicam na circulação das participantes pela cidade para manutenção da vida se mantiveram e, por isso, não foram tão impactadas pela Pandemia, mas as vivências nos projetos de convivência foram suspensas, destacando-se, novamente, o lugar de produção de vida que essas práticas sociais têm para as mulheres velhas da Vila Marçola.

Conclusões/ Limitações metodológicas

A partir das vozes de mulheres velhas, pobres, negras em um contexto de vulnerabilidade brasileiro, como a Vila Marçola, constata-se que é preciso desnaturalizar “escolhas” ocupacionais. Afinal, as ocupações exercidas, historicamente, por elas foram impostas e silenciadas em seus cotidianos, naturalizando-as ao ponto de não distinguirem “gostar de fazer” de “saber fazer”. A começar pelos motivos que as trouxeram para Belo Horizonte, fugidas das múltiplas violências que viviam, em busca de melhores condições de vida, encontrando nas favelas a única opção de se instalarem. Após anos de dedicação ao cuidado doméstico em casa, sem retorno financeiro, vislumbraram o trabalho doméstico em casas de família como o caminho viável: ofício socialmente reservado para mulheres pobres e, em sua maioria, negras. Constituíram-se jornadas duplas e triplas de trabalho. Diante desse cenário, a aposentadoria se configura, como uma possibilidade de ter uma vida mais digna, com os direitos básicos garantidos e estabilidade financeira mínima. Não lutam mais pela sobrevivência e alteraram suas condições de vida, mas não se pode afirmar que houve mobilidade social, pois permanecem em situações de classe precárias e desiguais. Nesta fase da vida, o que as mulheres declaram é a ampliação do repertório ocupacional e dos vínculos sociais, fomentado pela participação em projetos sociais no território. Tais projetos, apesar de também oferecerem oportunidades socioculturais predeterminadas, proporcionaram uma pluralidade ocupacional, possibilitando às mulheres velhas escolher do que ocupar-se. Neste contexto puderam experimentar seus corpos de maneiras diferentes daquelas impostas anteriormente: puderam escrever seus próprios nomes, fazer amizades, se divertir, aprender coisas novas, criar, ensinar, resgatar costumes antigos, circular pela cidade de forma inusitada. Provavelmente aqui se inscreve a possibilidade de “escolha”, atribuindo-se um sentido diferente às ocupações realizadas desde a infância, visto que a vida parece estar sendo tecida de forma mais livre. Conclui-se que as práticas sociais vivenciadas por essas mulheres reafirmam e fortalecem a existência de movimentos disruptivos e emancipatórios protagonizados por elas.

Como limitação deste estudo, aponta-se que a Pandemia da Covid-19 dificultou vários procedimentos da pesquisa (como por exemplo, impedimentos para aprovação no Comitê de Ética, para seleção das participantes e para os agendamentos das entrevistas). Destaca-se também o forte impacto na vida das mulheres, gerando perguntas específicas sobre as ocupações dessas mulheres em tempos de Pandemia.

Referências

1. Camarano AA, et al. Envelhecimento populacional, gratuidades no transporte público e seus efeitos sobre as tarifas na Região Metropolitana de São Paulo. *Rev. bras. estud. popul.* 2015; 32(1). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/HYKxMJZ8BxpFjJMXHpZkHNN/?lang=pt>
2. ibge.gov.br [internet]. Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação. [Citado em 2021 Jul]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.
3. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas e Informação Demográfica e Socioeconômica. 2018; 38, p.13. 2018.
4. BRASIL; Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos; Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa. Violência contra a pessoa idosa: Vamos falar sobre isso? Perguntas mais frequentes sobre os direitos das pessoas idosas. Brasília. 2020; p.46. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/1240>.
5. Österholm JH, Ranada AL. Características da pesquisa com pessoas idosas (mais de 65 anos) em periódicos de terapia ocupacional, 2013–2017. *ScandinavianJournalofOccupationalTherapy*. 2020; 27(4): 240-247. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11038128.2019.1645877>
6. ALMEIDA, C. R. V.; SOUZA, A.M.; CORRÊA, V.A.C. Sobre as ocupações de idosos em condição de hospitalização: qual a forma e o significado. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.25, n.1, 2017. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1362/826>.
7. Fagundes T, Miranda L, Fonseca C, et al. Health actionwithelderlycommunitiesof high vulnerability in belo horizonte: relevanceandresults. *MOJ Gerontology&Geriatrics*. 2019;4(5):193–195. Disponível em: <https://medcraveonline.com/MOJGG/health-action-with-elderly-communities-of-high-vulnerability-in-belo-horizonte-relevance-and-results.html>
8. Souza M, Mariano S. Percepções de cuidado e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças e permanências. *Mediações*. 2018;23(3):164-194. DOI: 10.5433/2176-6665.2018.3v23n3p164

9. Ghiglieri M, McAndrew R, Baum CM, Taff SD. Identidade, engajamento cívico e altruísmo: uma exploração fenomenológica do engajamento de atividades em adultos mais velhos. *ScandinavianJournalofOccupationalTherapy*. 2021; 28(3): 225-238. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/11038128.2020.1735512?journalCode=iocc20>
10. Xavier CMN, Bueno KMP, Assis LO, et al. A aposentadoria na perspectiva cupacional: continuidade do curso de vida e novas possibilidades. *Rev Ter Ocup.Univ São Paulo*. 2017; 28(2): 214-220. 2017. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/123459>.
11. Doimo LA, Derntl AM, Lago OC. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. *C. Saúde Coletiva*. 2008;13(4):1133-1142. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/rm3LnNS9R6nQdFDZNHftHG/?lang=pt>
12. Hammell KW. Opportunities for well-being: The righttooccupationalengagement. *Canadian JournalofOccupationalTherapy*. 2017;84(4-5):209-222. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0008417417734831>.
13. Hammell KW. Actiononthe social determinantsofhealth: advancingoccupationalequityandoccupationalrights. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 2020;28(1). Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2713>.
14. Yin RK. Estudo de caso: Planejamento e métodos. Porto Alegre (RS): Bookman; 2001
15. Nonato LC, Alves ANR. “Circuito Serra: Transitandon Quebrada” – Uma experiência educativa com grupos socioculturais juvenis do Aglomerado da Serra (Bh/Mg). XVI Simpurb Simpósio Nacional de Geografia Urbana. 2019.
16. Prefeitura.pbh.org [INTERNET]. Plano Global Específico Belo Horizonte (MG): [Citado em 2019]. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/pge-planejamento>. Acesso em dez 2019.
17. Bisol CA, Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. *Estud Psicol*. 2012; 29(1). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YVK8vN6zrs86PSDHPzyvnnh/abstract/?lang=pt>
18. Prefeitura.pbh.org [INTERNET]. Belo Horizonte (MG): [Citado em 2021 Fev]. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/saude/coronavirus>.
19. Guerra ELA. Manual de Pesquisa Qualitativa. Centro Universitário Una de Belo Horizonte (MG): Grupo Alma Educação; 2014.
20. Carneiro S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Estudos Avançados*. 2003; 17(49). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt&format=pdf>.

21. Castel R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. Caderno CRH. 1997;26(27): 19-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v10i26.18664>
22. Ferrufino AH, Miranda VL, Morrison R, Yates GM, et al. Transacionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 2019; 3(1): 150-161.
23. Hirata H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP. 2014;26(1):61-73.
24. Gonzales L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje.1984; 223-244.
25. Collins PH. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Santana B, tradutora. 2017; 5(1): 2317-4919.
26. IPEA. Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual [Relatório de Pesquisa]. Rio de Janeiro(RJ): 2016: 12-15. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7412/1/RP_Economia_2016.pdf
27. Carneiro S. Mulheres em movimento. Estudos Avançados 17. 2003;17(49). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt>
28. Brasil. Emenda Constitucional nº72 de 2013: Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. 2013. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2013/emendaconstitucional-72-2-abril-2013-775615-publicacaooriginal-139358-pl.html>
29. Federici S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Coletivo Sycorax, tradutores. São Paulo (SP): Elefante; 2019.
30. Davis A. Mulheres, raça e classe. Heci RC, tradutora. São Paulo (SP): Boitempo; 2016.
31. Silva OR, Soares L. Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais. Educ. Pesqui. 2021; Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/X9mpwhGCB4Rf95X89bVshYB/?format=pdf&lang=pt>
32. Soares L, Giovanetti MA, Gomes NL. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte (MG): Autêntica; 2007
33. Nogueira CMM. Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. 2012;2(18). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235241/28263>
34. Daher DV, Debona KV. Reelaborando o viver: o papel do grupo no cotidiano das mulheres idosas. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro.2010; 14(4): 670-676. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000400003>.

35. Domingues JPM. Insurgências juvenis no carnaval de rua em Belo Horizonte: o Bloco Seu Vizinho e a luta pela afirmação do território [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte (MG): Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; 2019.
36. Drummond AF. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: Cavalcanti, A.; GALVÃO, C. Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática. Guanabara Koogan, 2007; cap.2, p.10-16.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar que a maioria das pesquisas atuais desenvolvidas nos eixos das ocupações e/ou cotidiano e/ou vulnerabilidade social de idosos estão atreladas a alguma condição de saúde ou de fragilidade e quando não se associam a elas, não discutem classe social, gênero, raça. Pesquisas de natureza quantitativa apontaram a relevância de estudos qualitativos para a compreensão da multiplicidade de fatores que perpassam o cotidiano e as ocupações desenvolvidas por pessoas velhas em seus contextos. Nesta perspectiva foram analisadas as vozes de mulheres velhas, pobres, negras em um contexto de vulnerabilidade brasileiro, a Vila Marçola, considerando a interseccionalidade em seus processos de vida.

As integrantes deste estudo representaram, com suas vivências cotidianas, a realidade brasileira que ainda sofre os impactos das imposições e miscigenações culturais ocorridas no período da colonização do país, reproduzindo contextos de discriminação e desigualdade social.

Analizando o cotidiano passado e presente das participantes dessa pesquisa, é preciso desnaturalizar “escolhas” ocupacionais. Afinal, as ocupações exercidas, historicamente, por elas foram impostas e silenciadas em seus cotidianos, naturalizando-as ao ponto de não distinguirem “gostar de fazer” de “saber fazer”. A começar pelos motivos que as trouxeram para Belo Horizonte, fugidas das múltiplas violências que viviam, em busca de melhores condições de vida, encontrando nas favelas a única opção de se instalarem. Após anos de dedicação ao cuidado doméstico em casa, sem retorno financeiro, vislumbraram o trabalho doméstico em casas de família como o caminho viável: ofício socialmente reservado para mulheres pobres e, em sua maioria, negras. Constituíram-se jornadas duplas e triplas de trabalho. Diante desse cenário, a aposentadoria se configura, como uma possibilidade de ter uma vida mais digna, com os direitos básicos garantidos e estabilidade financeira mínima. Não lutam mais pela sobrevivência e alteraram suas condições de vida, mas não se pode afirmar que houve mobilidade social, pois permanecem em situações de classe precárias e desiguais. Nesta fase da vida, o que as mulheres declaram é a ampliação do repertório ocupacional e dos vínculos sociais, fomentado pela participação em projetos sociais no território. Tais projetos, apesar de também oferecerem oportunidades socioculturais predeterminadas, proporcionaram uma pluralidade ocupacional, possibilitando às mulheres velhas escolher do que ocupar-se. Neste contexto puderam experimentar seus corpos de maneiras diferentes daquelas impostas anteriormente: puderam escrever seus próprios nomes, fazer amizades, se divertir, aprender coisas novas, criar, ensinar, resgatar costumes antigos, circular pela cidade de forma inusitada.

Provavelmente aqui se inscreve a possibilidade de “escolha”, atribuindo-se um sentido diferente às ocupações realizadas desde a infância, visto que a vida parece estar sendo tecida de forma mais livre. Conclui-se que as práticas sociais vivenciadas por essas mulheres reafirmam e fortalecem a existência de movimentos disruptivos e emancipatórios protagonizados por elas.

Como limitação deste estudo, aponta-se a Pandemia da Covid-19, que dificultou os procedimentos da pesquisa no que se refere: ao acesso/contato inicial com as participantes; à dificuldade de marcação das entrevistas; à artificialidade proporcionada pelo uso de equipamentos de proteção individual e pelo distanciamento entre a pesquisadora e as participantes e aos custos gerados pela aquisição dos mesmos; à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa para início das entrevistas; e à suspensão da coleta de dados por um mês em função da onda roxa que se estabeleceu em Belo Horizonte. Destaca-se também o forte impacto na vida das mulheres, gerando perguntas específicas sobre as ocupações dessas mulheres em tempos de Pandemia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. R. V.; SOUZA, A.M.; CORRÊA, V.A.C. Sobre as ocupações de idosos em condição de hospitalização: qual a forma e o significado. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.25, n.1, 2017. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1362/826>.

BISOL, C.A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. *EstudPsicol*, v. 29, n.1, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YVK8vN6zrs86PSDHPzyvnnh/?lang=pt>.

BRASIL. Emenda Constitucional nº72 de 2013: Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Brasília: Senado Federal. 2013. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2013/emendaconstitucional-72-2-abril-2013-775615-publicacaooriginal-139358-pl.html>.

BRASIL; Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos; **Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa**. Violência contra a pessoa idosa: Vamos falar sobre isso? Perguntas mais frequentes sobre os direitos das pessoas idosas. Brasília. p. 46. 2020. **Disponível em:** <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/1240>.

BELO, I. Velhice e mulher: vulnerabilidades e conquistas. *Revista Feminismos*. v.1, n.3. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29997>.

CAMARANO, A.A; PASINATO, M. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A.A. Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. cap.8, p.253-292.

CAMARANO, A.A. et al. Envelhecimento populacional, gratuidades no transporte público e seus efeitos sobre as tarifas na Região Metropolitana de São Paulo. *Rev. bras. estud. popul*, v. 32, n.1, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/HYKxMJZ8BxpFjJMXHpZkHNN/?lang=pt>.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estud. av.*, São Paulo, v.17, n.49, p. 117-133. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Estudos Avançados*, v.17, n.49, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt&format=pdf>.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40.1997. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v10i26.18664>.

COLLINS, P.H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Santana B, tradutora, v.5, n.1, p. 2317-4919, 2017.

DAHER, D. V.; DEBONA, K.V. Reelaborando o viver: o papel do grupo no cotidiano das mulheres idosas. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 670-676, dezembro de 2010. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000400003>.

DAVIS A. Mulheres, raça e classe. Heci RC, tradutora. São Paulo (SP): Boitempo, 2016.

DOIMO, L. A.; DERNTL, A. M.; LAGO, O. C. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1133-1142. 2008. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000400009>.

DOMINGUES, J.P.M. Insurgências juvenis no carnaval de rua em Belo Horizonte: o Bloco Seu Vizinho e a luta pela afirmação do território. LEÃO, G.M.P. 2019. P.202.(Conhecimento e Inclusão Social) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DRUMMOND, A.F. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: Cavalcanti, A.; GALVÃO, C. Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática. Guanabara Koogan, 2007. cap.2, p.10-16.

FAGUNDES, T. et al. Health action with elderly communities of high vulnerability in Belo Horizonte: relevance and results. MOJ Gerontology & Geriatrics. v.4, n.5, p.193-195. 2019. DOI: [10.15406/mojg.2019.04.00206](https://doi.org/10.15406/mojg.2019.04.00206).

FEDERICI, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Coletivo Sycorax, tradutores. São Paulo (SP): Elefante, 2019. p.384.

FERRUFINO, A.H. et al. Transacionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. v.3, n.1, p. 150-161, 2019.

GALHEIGO, S.M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v.28, n.1, p.5-25. 2020.

GHIGLIERI, M. et al. Identidade, engajamento cívico e altruísmo: uma exploração fenomenológica do engajamento de atividades em adultos mais velhos. Scandinavian Journal of Occupational Therapy. v.28, n.3, p. 225-238, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/11038128.2020.1735512?journalCode=iocc20>.

GOLDANI, AM. "Ageism" no Brasil: o que é? quem faz isso? O que fazer com isso?. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 27, n. 2, pág. 385-405, dezembro de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 25 de novembro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200009>.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. p. 223-244, 1984

GUERRA, E. L.A.G. Manual de Pesquisa Qualitativa. 1 ed. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

HAMMELL, K.W. Fazendo escolhas a partir das escolhas que temos: A inserção contextual da escolha ocupacional. *Canadian Journal of Occupational Therapy*. v.87, n.5, p. 400-411, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0008417420965741>.

HAMMELL, K.W. Action on the social determinant of health: advancing occupational equity and occupational rights. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, Vol. 28, nº1. 2020. doi: 10.4322/2526-8910.ctoARF2052.

HAMMELL, K.W. Opportunities for well-being: The right to occupational engagement. *Canadian Journal of Occupational Therapy*. v.84, n.4-5, p.209-222, 2017. doi:10.1177/0008417417734831.

HAMMELL, K.W. Sacred texts: a sceptical exploration of the assumptions underpinning theories of occupation. *Can J Occup Ther*, v.76, n.1, p.6-22, 2009. doi: 10.1177/000841740907600105. PMID: 19341018.

HAMMELL, K.W. Self-care, productivity, and leisure, or dimensions of occupational experience? Rethinking occupational "categories". *Can J Occup Ther*. v.76, n.2, p.107-14, 2009. doi: 10.1177/000841740907600208. PMID: 19456089.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n. 1, p 61-73. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em 27 de jul 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>. Acesso em 24 de nov 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas e Informação Demográfica e Socioeconômica. n.38, p.13. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual : Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro(RJ): 2016, p. 12-15. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7412/1/RP_Economia_2016.pdf

LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 37-47, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200003>.

LAVE, J. Aprendizagem Situada: Processo Histórico e prático. In: LAVE, J. **Aprendizagem e vida cotidiana: acesso, participação e mudança de prática**. Cambridge University Press, 2019. c.7, p.133-157.

MAGALHÃES, S. “Moro lá no Cordu”-Conhecendo a comunidade a partir do olhar das crianças. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. São Paulo, v.4, n.3, 2019. DOI 10.23899/relacult.v4i3.990.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOTIZUKI, C.; MARIOTTI, M. Percepções de indivíduos com transtornos mentais e familiares sobre o desempenho ocupacional: contribuições da terapia ocupacional. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, v.25, n.2, 100-110. 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i2p100-110>.

NASCIMENTO, R. G. et al. Fragilidade de idosos ribeirinhos amazônicos: das trajetórias metodológicas aos desafios em saúde pública. *OJS/ PKP*, v.12, n. 2. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2019v12n2p367-375>.

NOGUEIRA CMM. Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. v.2, n.18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235241/28263>.

NONATO, L.C; ALVES, A.N.R. “Circuito Serra: Transitando Quebrada” – Uma experiência educativa com grupos socioculturais juvenis do Aglomerado da Serra (Bh/Mg). XVI Simpurb Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Teatro da Ufes e CCHN. 2019.

OLIVEIRA, H.S; OLIVEIRA, E. F. R. Juventudes, Periferias e o debate teórico acerca dessa temática no campo da educação. *Ensaio Filosóficos*, Volume XIX – Julho/2019.

ÖSTERHOLM, J.H.; RANADA, A.L. Características da pesquisa com pessoas idosas (mais de 65 anos) em periódicos de terapia ocupacional, 2013–2017. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*. v.27, n.4, p. 240-247, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11038128.2019.1645877>.

PAIS, J.M. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de sociologia*. v.1,n.1. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.26>.

PINA, A.P. B.; MÜLLER, F.; SALGADO, M. M. Um lugar na escola para a expressividade musical: etnografia sensorial em colaboração com adolescentes. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 702-721, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n3p702>.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Coronavírus. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/saude/coronavirus>. Acesso em: fev 2021

PROSAS Feministas: Diálogos com Hirata sobre gênero, raça e classe: leituras controversas. 26 de mai. 2021. 2021. Live disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1nA5aWurbaU>. Acesso em: 13 jul. 2021.

PREFEITURA DE BELOHORIZONTE. Plano Global Específico de Belo Horizonte (MG): Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/pge-planejamento>. Acesso em dez 2019.

SANTOS, W. J.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. Alteridade do corpo do velho: estranhamento e dor na Saúde Coletiva. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 24, n.11, p.4275-4284. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.26342017>.

SILVA, O.R.; SOARES, L. Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais. *Educ. Pesqui.* v.47. 2021; Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/X9mpwhGCB4Rf95X89bVshYB/?format=pdf&lang=pt>.

SOARES, L.; GIOVANETTI, M.A.; GOMES, N.L. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2007.

SOUZA, M.; MARIANO, S. Percepções de cuidado e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças e permanências. *Mediações*, Londrina, v. 23,n. 3, p.164-194. 2018.DOI: 10.5433/2176-6665.2018.3v23n3p164.

XAVIER, C. M. N.; BUENO, K. M. P.; ASSIS, L. O.; Almeida, S. C.; Assis, M. G. A aposentadoria na perspectiva ocupacional: continuidade do curso de vida e novas possibilidades. *Rev Ter Ocup.Univ São Paulo*, v. 28, n.2, p. 214-220. 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v28i2p214-220>.

YIN, R.K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. Porto Alegre (RS): Bookman, 2001.

ZIONI, F. Exclusão Social: noção ou conceito? *Saúde e Sociedade* v.15, n.3, p.15-29. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000300003>.

ANEXO

1 Parecer de aprovação da pesquisa pelo CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS 								
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP								
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA Título da Pesquisa: O cotidiano de mulheres idosas em situação de vulnerabilidade social Pesquisador: Adriana de França Drummond Área Temática: Versão: 2 CAAE: 36344920.9.0000.5149 Instituição Proponente: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Patrocinador Principal: Financiamento Próprio DADOS DO PARECER Número do Parecer: 4.377.247 Apresentação do Projeto: O projeto intitulado "O cotidiano de mulheres idosas em situação de vulnerabilidade social", é de autoria da pesquisadora ANA LUIZA MENEZES VIEIRA e da docente Adriana de França Drummond, vinculadas a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Segundo o resumo do projeto, "O aumento da expectativa de vida das mulheres nas periferias de Belo Horizonte se desenrola em um cotidiano, permeado por vulnerabilidades e fragilidades. Essa pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, tem como objetivo compreender a percepção de idosas em situação de vulnerabilidade social sobre o cotidiano em que vivem, considerando as potencialidades e limitações vivenciadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com 10 mulheres idosas moradoras do Aglomerado da Serra – Belo Horizonte/MG, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas". O Brasil se encontra, como outros países do Globo, em fase da transição demográfica que é marcada pelo aumento do envelhecimento populacional. Esse envelhecimento guarda consequências diferentes para homens e mulheres e para pessoas de classes sociais distintas. Segundo Belo (2013), citado no corpo do projeto, "a maioria das pessoas velhas do País são mulheres e há um agravamento da situação quando se trata de idosas de um contexto de classe social com menor poder aquisitivo, carecendo mais de políticas públicas e atendimento".								
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td colspan="2">Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Unidade Administrativa II</td> <td>CEP: 31.270-901</td> </tr> <tr> <td>UF: MG</td> <td>Município: BELO HORIZONTE</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (31)3409-4592</td> <td>E-mail: coep@pppq.ufmg.br</td> </tr> </table>	Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005		Bairro: Unidade Administrativa II	CEP: 31.270-901	UF: MG	Município: BELO HORIZONTE	Telefone: (31)3409-4592	E-mail: coep@pppq.ufmg.br
Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005								
Bairro: Unidade Administrativa II	CEP: 31.270-901							
UF: MG	Município: BELO HORIZONTE							
Telefone: (31)3409-4592	E-mail: coep@pppq.ufmg.br							

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.377.347

direcionado às suas demandas”.

O projeto se encontra plenamente justificado e embasado na literatura.

O parecer departamental confirma o mérito do trabalho que se justifica a partir do fato de que “não foram encontrados estudos que aprofundam na maneira em que as mulheres idosas constroem e compreendem as ocupações desenvolvidas em um cotidiano de vulnerabilidade”.

Além do Projeto Completo foram anexados a essa submissão:

TCLE

Roteiro da entrevista em profundidade

Parecer departamental

Carta de Anuência de uma Escola de arte e produtora cultural sem fins lucrativos localizada dentro do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, onde o estudo será conduzido.

Folha de Rosto assinada

Documento de Submissão para a Plataforma Brasil

Carta Resposta ao parecer número 4.284.694

CNPJ da instituição “Seu Vizinho”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral do presente estudo é compreender a percepção de mulheres idosas em situação de vulnerabilidade sobre as ocupações e o cotidiano em que vivem.

Objetivo Secundário:

- Identificar as ocupações que as mulheres idosas gostam e não gostam de realizar no cotidiano;
- Compreender os papéis ocupacionais que assumem no cotidiano, relacionando-os com suas histórias de vida;
- Investigar como e os motivos pelos quais essas ocupações se configuram como limites ou potenciais no cotidiano;
- Compreender as dificuldades vivenciadas pelas mulheres idosas em situação de vulnerabilidade social e quais estratégias de enfrentamento são utilizadas;
- Avaliar se há o predomínio das categorias das ocupações a serem compartilhadas por elas;

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º Andar 30120-005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-001

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4332

E-mail: coop@ppq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.107.247

Compreender se existem diferenças entre as ocupações realizadas durante a semana e no final de semana e quais são as motivações para tal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No parecer de número 4.284.694, eu havia notado que os riscos não estavam descritos de maneira satisfatória e a metodologia de coleta de dados não atendia à Resolução 466/2012 nos seguintes quesitos, que diz que toda pesquisa deve atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes:

Nessa submissão, as pesquisadoras especificam o risco de transmissão de COVID-19 com a pesquisadora indo até a residência da idosa ou tendo contato próximo dela, o risco aumentado dos idosos de apresentarem maior letalidade da doença e os cuidados que serão efetuados para minimizar esse risco. Elas também explicam a necessidade de ir até a casa da idosa, mas também passou a oferecer benefício direto (por exemplo, oferecimento de material de higiene pessoal ou proteção a COVID-19) pela participação na pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo será realizado dentro da Vila Marçola, localizada no Aglomerado da Serra, periferia da zona sul de Belo Horizonte – Minas Gerais. A amostra será composta por 10 mulheres idosas integrantes de um grupo que frequenta uma oficina livre de arte, oferecida no local. O recrutamento será feito por meio de contato telefônico.

O roteiro da entrevista terá dois eixos: o primeiro, composto por perguntas fechadas com o intuito de estabelecer o perfil das participantes. Neste, as idosas serão identificadas da seguinte forma: nome, idade, naturalidade, tempo de moradia no Aglomerado da Serra, com quem mora, se tem filhos, estado civil, se tem companheiro, escolaridade, profissão, situação de trabalho atual e religião. No segundo eixo, as perguntas serão abertas, com a oportunidade de discorrer com mais liberdade sobre o objeto do estudo.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Adm 31205

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31) 3409-4342

E-mail: ccep@proq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.277.247

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No parecer de número 4.284.694, eu havia listado uma série de adequações a serem feitas. Neste parecer, verifico se uma a uma as alterações foram feitas.

1 - No TCLE deve estar especificado o risco de transmissão de COVID-19 com a pesquisadora indo até a residência da idosa, o risco aumentado dos idosos de apresentarem maior letalidade da doença e os cuidados que serão efetuados para minimizar esse risco.

As pesquisadoras informam que adicionaram no TCLE as informações solicitadas:

"Um dos riscos que existem nesta pesquisa é a contaminação pelo corona vírus e a maior chance de morte em pessoas mais velhas. Eu vou tomar todos os cuidados possíveis para diminuir ao máximo a possibilidade de contaminação e por isso, vamos manter o distanciamento previsto pela Organização Mundial da Saúde; todo o ambiente (cadeiras, mesas, bancos e etc), equipamentos e outros objetos serão higienizados com álcool líquido 70º, antes durante e ao final do encontro; máscara, viseira, jaleco e álcool gel serão utilizados. Reforço que é muito importante que a Sra. também se proteja com esses mesmos equipamentos, que eu vou te oferecer, por todo o tempo que estivermos juntas. Oriento que a Sra. utilize os produtos de higiene pessoal, que também serão fornecidos por mim e quando terminarmos, tome um banho e coloque sua roupa para lavar. Se a Sra. tiver alguma dúvida sobre o COVID-19 estou à disposição para responder e se preferir não correr esse risco, a Sra. tem todo o direito de não continuar a participação na pesquisa, desde já."(pg.1)"

Elas também informam que adicionaram as mesmas informações no campo apropriado dentro da PB:

"As participantes receberão informações sobre a doença e seus riscos e serão munidas com um kit de instrumentos necessários para sua a proteção, como produtos de higiene pessoal e de proteção à COVID-19. (...) Portanto, esta pesquisa e todos os envolvidos têm o compromisso primeiro de respeitar as participantes e zelar pela segurança biopsicossocial das mesmas. (...) No TCLE foi

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º Adm 51 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4332

E-mail: cosp@proq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Protocolo: 4.377.347

informado que as idosas podem optar por não continuarem a entrevista caso haja algum incômodo, receio de contaminação ou qualquer outro desconforto."

E dentro do Projeto de Pesquisa na parte 2.2 da Metodologia:

"As informações referentes aos cuidados necessários e aos riscos inerentes serão esclarecidos no TCLE; precauções de distanciamento, uso equipamentos de proteção individual (máscara, jaleco, viseira de acrílico) e álcool em gel serão tomadas; assim como as mobílias (cadeiras, mesas, bancos e etc), equipamentos e outros objetos utilizados serão higienizados com álcool líquido 70º antes, durante e ao final de cada encontro. No dia marcado, a pesquisadora irá até a porta da residência das idosas, onde será oferecido um kit com equipamentos de proteção individual e produtos de higiene e, ali farão a entrevista, ou caminharão juntas até o local escolhido para tal. Ao final, quando for o caso, serão acompanhadas até a porta de suas residências." (pg.15)

"Assim como os benefícios, os riscos que a pesquisa pode trazer serão apresentados às participantes no TCLE, sendo eles a contaminação pelo corona vírus e a maior chance de morte em pessoas mais velhas, bem como incômodos causados por qualquer motivo durante a entrevista. Conforme citado acima, todos os cuidados para minimizar os riscos serão tomados, e as idosas serão orientadas quanto à possibilidade de interromper a participação a qualquer instante." (pg.16)"

2 - Propor uma alternativa à ida à casa da idosa, já que a entrada de pessoas alheias ao domicílio não é sugerida em meio a pandemia. Considerar prosseguir com a entrevista em um local aberto, público, bem ventilado, mantendo os mesmos cuidados (máscara, jaleco, viseira e gel).

As pesquisadoras informam que no Projeto de Pesquisa na parte 2.2 da Metodologia:

(...) "duas alternativas foram traçadas para definição do local em que as entrevistas serão realizadas: (1) Poderão acontecer na porta da casa das idosas, sem que a pesquisadora entre no domicílio; (2) A Escola de Artes e Cultura informou que

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 5527 2º Ad 51 2025

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.370-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coepi@projq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Protocolo: 4.277.247

algumas idosas retomaram suas atividades na comunidade, após a Prefeitura de Belo Horizonte flexibilizar o comércio e autorizar a circulação em locais públicos. Essas participantes que já estão em movimento no aglomerado, poderão escolher realizar a entrevista em um local aberto, arejado, que está sendo frequentado por elas, como praças, ruas, mirantes e outros. Ambas as possibilidades contemplarão dias e horários com menor movimentação, sem aglomerações e garantia da segurança, privacidade e conforto necessários para a coleta de dados. Salienta-se que as entrevistas ocorrerão de forma individual, em um único momento, com duração aproximada de 40 minutos." (pg. 15)

"No dia marcado, a pesquisadora irá até a porta da residência das idosas, onde será oferecido um kit com equipamentos de proteção individual e produtos de higiene e, ali farão a entrevista, ou caminharão juntas até o local escolhido para tal. Ao final, quando for o caso, serão acompanhadas até a porta de suas residências." (pg. 15)

Além disso, na Plataforma Brasil, no campo "Riscos" foi complementado:

"Garante-se que os riscos serão reduzidos ao máximo, com o uso de equipamentos de proteção individual pela pesquisadora e pelas participantes, com distanciamento adequado de acordo com a determinação da Organização Mundial da Saúde, higienização com álcool líquido 70% das mobílias, objetos e equipamentos utilizados antes, durante e depois das entrevistas e realização das entrevistas em local aberto, bem ventilado e pouco movimentado".

No TCLE foi acrescido o seguinte trecho:

"Por causa da pandemia da COVID-19, além de considerar seu desejo e disponibilidade para agendar o local, data e horário, estou tomando todos os cuidados para definirmos o lugar mais seguro para nossa conversa acontecer. Uma possibilidade é fazermos a entrevista na porta de sua casa, sem que eu entre e a outra é a gente ir até um lugar que a Sra. já esteja frequentando, desde que seja aberto, bem ventilado e pouco movimentado. Irei acompanhá-la durante todo o tempo, inclusive na ida e na volta para casa, se for melhor para a Sra." (pg.1)

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 5627 2ª Adj 51 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4332

E-mail: coape@pppq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.377.247

3 - Considere também oferecer algum benefício direto (por exemplo, oferecimento de material de higiene pessoal ou proteção a COVID-19) pela participação na pesquisa.

As pesquisadoras informam que será oferecido para as participantes um Kit com equipamentos de proteção individual (máscara, jaleco, viseira de acrílico, álcool gel) e produtos de higiene pessoal (shampoo, condicionador, sabonete), conforme inserido:

Na Plataforma Brasil, no campo "Riscos":

"[...]As participantes receberão informações sobre a doença e seus riscos e serão munidas com um kit de instrumentos necessários para sua a proteção, como produtos de higiene pessoal e de proteção à COVID-19. [...]"

No Projeto de Pesquisa na parte 2.2 da Metodologia:

"As informações referentes aos cuidados necessários e aos riscos inerentes serão esclarecidos no TCLE: precauções de distanciamento, uso equipamentos de proteção individual (máscara, jaleco, viseira de acrílico) e álcool em gel serão tomadas; assim como as mobílias (cadeiras, mesas, bancos e etc), equipamentos e outros objetos utilizados serão higienizados com álcool líquido 70º antes, durante e ao final de cada encontro. No dia marcado, a pesquisadora irá até a porta da residência das idosas, onde será oferecido um kit com equipamentos de proteção individual e produtos de higiene [...]" (pg.15)

Na tabela de estimativa de despesas do Projeto de Pesquisa também estão relacionados os materiais de higiene e proteção que serão oferecidos no Kit, e identificados a quantidade e valor dos mesmos. (pg.18)

No TCLE foi acrescido o seguinte trecho:

"Eu vou tomar todos os cuidados possíveis para diminuir ao máximo a possibilidade de contaminação e por isso, vamos manter o distanciamento previsto pela Organização Mundial da Saúde; todo o ambiente (cadeiras, mesas, bancos e etc), equipamentos e outros objetos serão higienizados com álcool líquido 70º, antes durante e ao final do encontro; máscara, viseira, jaleco e álcool gel serão utilizados. Reforço que é muito importante que a Sra. também se proteja com

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad 51 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31) 3409-4532

E-mail: coep@proq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Protocolo: 4.577.347

esses mesmos equipamentos, que eu vou te oferecer, por todo o tempo que estivermos juntas. Oriento que a Sra. utilize os produtos de higiene pessoal, que também serão fornecidos por mim e quando terminarmos, tome um banho e coloque sua roupa para lavar.” (pg. 1).

4 - Explicar porque a entrevista não poderia acontecer por telefone, já que o risco de contrair COVID-19 durante a pandemia é maior que o benefício da participação nesta pesquisa.

As pesquisadoras informam que “Vários fatores biológicos, psíquicos, sociais, financeiros, culturais e geográficos perpassam o cotidiano das idosas em situação de vulnerabilidade social e trazem limitações para se estabelecer um contato virtual ou por telefone, de forma efetiva e ética. Esta justificativa detalhada foi incorporada.” Dentre os fatores estão a baixa escolaridade, baixa audição e chance de perda da privacidade com relação ao conteúdo da entrevista.

5 - Fornecer auxílio psicológico durante a entrevista ou em qualquer momento posterior.

As pesquisadoras informam que

Na Plataforma Brasil, no campo “Riscos” foi complementado:

“Se as idosas apresentarem constrangimentos ou sensibilidade, em decorrência da participação na pesquisa, durante ou após a entrevista, será oferecido apoio terapêutico às participantes, pelo tempo que for necessário.”.

No Projeto de Pesquisa na parte 2.2 da Metodologia também foram incorporados:

“A pesquisadora também firmará o compromisso de oferecer acompanhamento terapêutico antes, durante ou depois da pesquisa, caso seja necessário e durante o tempo que for preciso”. (pg. 16)

No TCLE foi acrescido o seguinte trecho:

“(…)eu faço o compromisso de oferecer acompanhamento terapêutico antes,

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Adm 31205

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4552

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.377.247

durante ou depois da pesquisa, pelo período que for preciso". (pg.1)

6 - Esclarecer caso as entrevistas ou recrutamentos já tenham começado, haja vista que o sistema CEP/CONEP não avalia nenhuma pesquisa já em andamento, não podendo emitir parecer neste caso.

As pesquisadoras informam que conforme registrado no cronograma do Projeto de Pesquisa (pag.17) e no cronograma da Plataforma Brasil, os recrutamentos e a coleta de dados, via entrevista semi-estruturada, estão previstos para iniciar em fevereiro de 2021, portanto este item não se aplica ao projeto de pesquisa em questão. Desta forma, segue-se aguardando a aprovação do projeto pelo CEP para início da coleta de dados.

7 - Esclarecer como se dará o processo de consentimento haja vista que as idosas podem ser analfabetas e não conseguem ler e/ou assinar o termo.

As pesquisadoras informam que com o intuito de facilitar o acompanhamento da leitura do TCLE, assegurar os direitos e liberdade de escolha das participantes, bem como garantir que as condutas da pesquisadora serão éticas, foi feita a seguinte alteração:

No Projeto de Pesquisa na parte 2.1 da Metodologia:

"Devido à baixa escolaridade, é possível que tenham dificuldade para ler o TCLE, então o processo de consentimento seguirá as seguintes etapas: (1) inicialmente a pesquisadora fará contato telefônico para convidá-las a participar da pesquisa. Caso esbocem interesse, nesta ligação inicial será apresentado o TCLE e a pesquisadora combinará de entregar o Termo para as idosas com antecedência, possibilitando que uma pessoa da confiança delas faça a leitura prévia do documento. (2) Após a entrega do TCLE, haverá uma segunda ligação para saber se estão suficientemente esclarecidas, para tirar dúvidas, e para que compartilhem sua decisão. (3) Nesta segunda ligação, juntamente com as idosas que estiverem de acordo, a pesquisadora avaliará e agendará o melhor local, data e horário para o encontro presencial, considerando o desejo e disponibilidade das participantes, bem como os cuidados que o momento pandêmico exige. (4) A assinatura do TCLE será recolhida no dia marcado para a entrevista, quando o

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 8821 2º And 3005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4002

E-mail: ccep@projq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Protocolo: 4.373 347

documento será lido novamente para as idosas, que terão mais um momento para tirar dúvidas e registrarem seu consentimento. Ressalta-se que foi informado pela Escola de Artes e Cultura que todas elas conseguem assinar o próprio nome." (pg. 13)

8 - Caso haja registro de voz e imagens, esse termo deve estar autorizado no TCLE.

A autorização do registro de imagem e voz, através da filmagem e gravação de voz, estão previstos:

No TCLE:

"Assinando esse Termo de Consentimento, estou afirmando que concordo em participar deste estudo e concordo com o registro da minha imagem e voz." (na parte de "DECLARAÇÃO E ASSINATURA"pg.1)

OBS: Reitera-se que, o texto do TCLE, já consta um esclarecimento de que "Se a Sra. aceitar, na entrevista, será feita filmagem e gravação de voz". (pg.1)

No Projeto de Pesquisa na parte 2.1 da Metodologia:

"Para registro dos conteúdos verbais e não verbais serão utilizados diário de campo, gravação de voz e filmagem, sendo esta última validada, no caso das idosas concordarem. Em caso de concordância, o áudio das entrevistas será disponibilizado para as participantes, a fim de que averiguem a veracidade dos depoimentos. O objetivo desse procedimento é apresentar os resultados encontrados, posto que a maioria delas são analfabetas" (pg.16)

9 - Caso as imagens sejam utilizadas para fins científicos, anexar, além do TCLE, um Termo de Cessão de Imagens para Fins Científicos.

As pesquisadoras informam que "As gravações e voz serão utilizadas apenas para coleta e análise dos dados, não tendo nenhum outro objetivo de divulgação ou publicação para fins científicos, o que descarta a necessidade de anexar um Termo de Cessão de Imagens para Fins Científicos".

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad 31 2009

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31 270-001

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4532

E-mail: coepi@pq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.077.247

10 - Esclarecer sobre a utilização do nome real da instituição parceira haja vista a facilidade de identificação do sujeito devido o tamanho do local e da amostra.

As pesquisadoras informam que "como foi sugerido, os nomes da Vila e da Escola e da Oficina serão resguardados para garantir o anonimato e preservação da identidade das idosas, tendo em vista o tamanho da amostra e o reconhecimento da instituição na comunidade. Para tanto a localização citada se restringirá ao termo "Aglomerado da Serra", que é composto por inúmeras vilas e compreende um território extenso e para referir-se ao projeto, será utilizado o termo "Escola de Artes e Cultura". Ainda menciona-se que o público da Escola de Arte e Cultura é mais abrangente do que o número da amostra desta pesquisa, contemplando aproximadamente 150 pessoas, o que dificulta a identificação das idosas. Seguem as alterações:

Na Plataforma Brasil:

No campo "Riscos" foi complementado que "Como a amostra é pequena e a instituição é conhecida na comunidade, os nomes da Escola de Artes e Cultura e da Vila em que ocorrem serão resguardados, garantindo o anonimato e preservação da identidade das idosas".

No Projeto de Pesquisa na parte 2 e 2.1 da Metodologia:

"Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, a ser realizado no Aglomerado da Serra, periferia da zona sul de Belo Horizonte – Minas Gerais" (pg.13)

"A amostra por conveniência será composta por 10 mulheres idosas integrantes de uma Escola da periferia. Trata-se de uma iniciativa sem fins lucrativos, fundada por moradores do Aglomerado da Serra e amigos, que desenvolve ações culturais, artísticas, pedagógicas e de geração de renda para a comunidade. Os nomes da Vila e da Escola serão resguardados para garantir o anonimato e preservação da identidade das idosas, tendo em vista o tamanho da amostra e o reconhecimento da instituição na comunidade. Portanto, para fazer referência à Escola será utilizado o nome fictício "Escola de Artes e Cultura". (pg.13)

No TCLE:

"Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, o nome da Sra. nunca será mostrado a ninguém e nem aparecerá em revistas ou trabalhos científicos e a Sra.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª And 51 2005
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31) 3409-4552 **E-mail:** cusp@proq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.377.247

escolherá um nome fantasia para ser usado durante a pesquisa. Os nomes do Projeto Seu Vizinho, da Vila Marçola e da oficina Vizinhas das Cantigas também não serão identificados". (pg. 1)

11 - Registrar onde ficarão arquivados os arquivos da pesquisa, por quanto tempo e aos cuidados de quem.

As pesquisadoras informam que informações referentes ao local, tempo e quem cuidará dos arquivos gerados pela execução da pesquisa foram incorporados:

No Projeto de Pesquisa na parte 2.2 da Metodologia:

(...) "os arquivos da pesquisa ficarão guardados na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFG, Gabinete 3124, sob os cuidados e responsabilidade da Prof. Dra. Orientadora Adriana de França Drummond, integrante do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação. O arquivamento será feito junto aos demais dados de pesquisas realizadas no referido curso, durante 10 anos, a contar da coleta de dados da dissertação". (pg.16)

No TCLE:

"Os materiais coletados nessa pesquisa ficarão guardados na Universidade Federal de Minas Gerais, aonde eu estudo e serão cuidados pela minha Prof. Orientadora Adriana de França Drummond, pelo período de 10 anos." (pg.1)

As pesquisadoras também informam que "quando o Projeto de Pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, em julho de 2020, a Escola de arte e cultura estava no processo de regulamentação jurídica. Em 06 de Outubro de 2020 foi concluído o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, que comprova a existência da mesma, enquanto uma Associação Privada, que realiza atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte, de inscrição 39.344.173/0001-62. Documento anexo na plataforma".

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6527, 2º Andar 31205

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31) 3409-4332

E-mail: ccep@pppq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação da Pesquisa: 4.077.347

Recomendações:

Na confiança de que as pesquisadoras farão a recomendação abaixo especificada e ciente de que todas as diligências anteriores foram sanadas, sou favorável a aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No TCLE, a participante tem o direito de arquivar uma via do TCLE assinada pela pesquisadora. Favor incluir essa frase no TCLE e disponibilizá-lo em duas vias (de preferência em envelope plástico), para que a participante consiga higienizá-lo por fora antes de guardá-lo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1568548.pdf	17/10/2020 17:07:20		Aceito
Outros	CARTAO CNPJ SEU VIZINHO.pdf	17/10/2020 17:05:14	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAOPARECERCONSUBSTANCIADODOCEP5PDF.pdf	17/10/2020 17:00:08	Adriana de França Drummond	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA10ATUALIZADO PDF.pdf	17/10/2020 16:59:06	Adriana de França Drummond	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE7PDF.pdf	17/10/2020 16:58:14	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	ENTREVISTASEMIESTRUTURADA PDF.pdf	30/07/2020 22:34:56	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	APROVACAO CAMARADTO UFMG.	22/07/2020	Adriana de França Drummond	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º And 31 200-9
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901

UF: MG Município: Belo Horizonte

Telefone: (31) 3409-4532

E-mail: ccep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.377.247

Outros	pdf	22:10:50	Drummond	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOVERSAOFINAL.pdf	05/06/2020 20:01:16	Adriana de França Drummond	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTADEAUTORIZACAOVPDF.pdf	03/06/2020 13:10:02	Adriana de França Drummond	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 03 de Novembro de 2020

Assinado por:
Crissia Caram Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 5627 2º Ad. 51 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4552

E-mail: conep@prpq.ufmg.br

APÊNDICES

A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO N° _____

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa *"O cotidiano de mulheres idosas em situação de vulnerabilidade social"*.

O objetivo desta pesquisa é conhecer como a Sra. e outras mulheres (com mais de 60 anos e que são moradoras do Aglomerado da Serra) vivem as ocupações do seu dia a dia.

Caso a Sra. concorde em participar da pesquisa, podemos marcar um encontro presencial para fazer uma entrevista. Por causa da pandemia da COVID-19, além de considerar seu desejo e disponibilidade para agendar o local, data e horário, estou tomando todos os cuidados para definirmos o lugar mais seguro para nossa conversa acontecer. Uma possibilidade é fazermos a entrevista na porta de sua casa, sem que eu entre e a outra é a gente ir até um lugar que a Sra. já esteja frequentando, desde que seja aberto, bem ventilado e pouco movimentado. Irei acompanhá-la durante todo o tempo, inclusive na ida e na volta para casa, se for melhor para a Sra. Um dos riscos que existem nesta pesquisa é a contaminação pelo corona virus e a maior chance de morte em pessoas mais velhas. Eu vou tomar todos os cuidados possíveis para diminuir ao máximo a possibilidade de contaminação e por isso, vamos manter o distanciamento previsto pela Organização Mundial da Saúde; todo o ambiente (cadeiras, mesas, bancos e etc), equipamentos e outros objetos serão higienizados com álcool líquido 70%, antes durante e ao final do encontro; máscara, viseira, jaleco e álcool gel serão utilizados. Reforço que é muito importante que a Sra. também se proteja com esses mesmos equipamentos, que eu vou te oferecer, por todo o tempo que estivermos juntas. Oriente que a Sra. utilize os produtos de higiene pessoal, que também serão fornecidos por mim e quando terminarmos, tome um banho e coloque sua roupa para lavar. Se a Sra. tiver alguma dúvida sobre o COVID-19 estou à disposição para responder e se preferir não correr esse risco, a Sra. tem todo o direito de não continuar a participação na pesquisa, desde já. Outro risco que essa pesquisa pode oferecer é a Sra. sentir-se incomodada por qualquer motivo durante a entrevista que citei a pouco. Caso isso aconteça, podemos interrompê-la sem nenhum problema e eu faço o compromisso de oferecer acompanhamento terapêutico antes, durante ou depois da pesquisa, pelo período que for preciso. A entrevista está prevista para durar em torno de 1 hora e acontecerá em um único dia. A Sra. terá o tempo que necessitar para responder as perguntas.

Se a Sra. aceitar, na entrevista, será feita filmagem e gravação de voz. As perguntas da entrevistas são sobre o que a Sra. faz no dia a dia; o porque de fazer essas atividades; o que gosta e não gosta de fazer; o que é fácil e o que é difícil de fazer; quando começou a fazer essas atividades; e qual o sentido delas na sua vida. Também irei fazer perguntas sobre suas características pessoais, como: nome, idade, naturalidade, tempo de moradia no Aglomerado da Serra, com quem mora, se tem filhos, estado civil, se tem companheiro, escolaridade, profissão, situação de trabalho atual, religião e etc. Assim, a Sra. pode nos ajudar a entender como é o seu dia a dia e isso importante para muitos profissionais. Com essas reflexões a Sra. terá a possibilidade de falar da maneira que seu cotidiano acontece e se precisar de alguma orientação pode contar comigo. Esta pesquisa, junto com outras, podem ajudar a colocar em prática políticas públicas que melhorem a situação das mulheres idosas que vivem nas periferias de Belo Horizonte, como é o caso da Sra. Pouco se sabe como é o dia a dia das idosas brasileiras nos aglomerados das grandes cidades.

Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, o nome da Sra. nunca será mostrado a ninguém e nem aparecerá em revistas ou trabalhos científicos e a Sra. escolherá um nome fantasia para ser usado durante a pesquisa. Os nomes do Projeto Seu Vizinho, da Vila Marçola e da oficina Vizinhos das C'antigas também não serão identificados.

A sua participação é completamente voluntária e a Sra. é livre para não querer contribuir com essa pesquisa. Mesmo se a Sra. optar nesse momento por participar, poderá sair da entrevista a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo.

A Sra. não receberá nenhuma forma de pagamento para participar dessa pesquisa, mas se tiver algum gasto por causa da sua participação, eu mesma vou pagar ou devolver para a Sra. o dinheiro gasto. Os materiais coletados nessa pesquisa ficarão guardados na Universidade Federal de Minas Gerais, onde eu estudo e serão cuidados pela minha Prof. Orientadora Adriana de França Drummond, pelo período de 10 anos. Depois de entender a nossa pesquisa, se for da vontade da Sra. de participar, por favor, preencha e assine a declaração abaixo. Estou à disposição para quaisquer dúvidas e para resolver o que for preciso e possível.

DECLARAÇÃO E ASSINATURA:

Eu, _____, entendi todas as informações sobre o estudo, sendo que os objetivos, o passo a passo e as palavras usadas foram claras e bem explicadas. Tive tempo suficiente para compreender as informações acima e tive a oportunidade de tirar todas as minhas dúvidas. Estou assinando este termo por vontade própria e tenho direito de agora, ou depois, de discutir qualquer dúvida que apareça sobre a pesquisa com a Ana Luiza Menezes Vieira, Telefone: (31) 99185-3435. Assinando esse Termo de Consentimento, estou afirmando que concordo em participar deste estudo e concordo com o registro da minha imagem e voz.

Assinatura do Participante

Data

Assinatura da Pesquisadora Responsável
Ana Luiza Menezes Vieira

Data

Assinatura da Profª Orientadora
Dra. Adriana de França Drummond

Data

Se você tiver perguntas em relação a seus direitos como participante do estudo, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. Telefone/Fax: (31) 3409-4592 - Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha, CEP: 31270-901 - BH/MG - Campus - UFMG - Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

B. Entrevista Semi-estruturada

		Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Mestrado em Estudos da Ocupação Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Adriana de França Drummond Discente: Ana Luiza Menezes Vieira			
O cotidiano de idosas em situação de vulnerabilidade social. Entrevista Semi-estruturada					
EIXO 1: PERFIL DA PARTICIPANTE					
NOME:				DATA:	
COMO A SRA. GOSTARIA DE SER CHAMADA NA PESQUISA?					
DATA NASC:		IDADE:		RELIGIÃO:	
RAÇA: () BRANCA () PARDA () NEGRA () AMARELA () OUTRA:					
END: RUA/BECO				Nº COMP:	
VILA:			CONTATO:		
NATURALIDADE:			TEMPO DE MORADIA NO AGLOMERADO DA SERRA:		
TEM FILHOS?	() NÃO	() SIM, QUANTOS?	OBS:		
TEM NETOS?	() NÃO	() SIM, QUANTOS?	OBS:		
COM QUEM MORA?					
CUIDA DE AGUÉM?					
ESTADO CIVIL:					
TEM COMPANHEIRO?	() SIM	() NÃO	() OUTRO	() NÃO QUERO FALAR	
ESCOLARIDADE:				COMPLETO	INCOMPLETO
()	CRECHE:				
()	FUNDAMENTAL:				
()	MÉDIO:				
()	SUPERIOR:				
()	PÓS-GRADUAÇÃO:				
()	OUTRO:				
()	NUNCA ESTUDEI				
PROFISSÃO:					
LOCAL DE TRABALHO:					
() TRABALHA DENTRO DO AS			() TRABALHA FORA DO AS		
SITUAÇÃO ATUAL DE TRABALHO:					
POSSUI RENDA?		() SIM		() NÃO	
()	ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO				
()	ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS				
()	ATÉ 3 SALÁRIOS MÍNIMOS				
()	MAIS DE 3 SALÁRIOS MÍNIMOS				
QUEM INDICOU P/ PARTICIPAR DA PESQUISA?					

EIXO 2: PERGUNTAS ABERTAS	
1)	COMO A SRA. VÊ A VIDA DAS MULHERES VELHAS NA VILA MARÇOLA? HOJE E NO PASSADO? Dica: o que você acha sobre a vida dessas mulheres velhas? Como é a história/vida das mulheres aqui?
2)	ATUALMENTE QUAIS ATIVIDADES A SRA. PERCEBE QUE SÃO DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES VELHAS NA VILA MARÇOLA? O que elas mais fazem e menos fazem?
3)	E A SRA. COMO VÊ A SUA VIDA AQUI? HOJE E NO PASSADO? Dica: como é sua vida? Como sua vida foi construída aqui? Como é sua história na vila? Como você vive e vive aqui?
4)	QUAIS MOMENTOS FORAM MAIS MARCANTES? HOJE E NO PASSADO? Dica: tempos mais difíceis/fáceis; lembranças boas, agradáveis e lembranças difíceis, ruins.
5)	O QUE A SRA FAZ? ME CONTE COMO É O SEU DIA-A-DIA... Dica: autonomia independência, trânsito na comunidade, cuidado de si, trabalho e cuidado do outro
6)	E NO SEU FINAL DE SEMANA, COMO É SEU DIA-A-DIA?
7)	QUAL É A ATIVIDADE QUE A SRA. FAZ QUE É MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ?
8)	QUAIS ATIVIDADES A SRA. ESCOLHE FAZER? E QUAIS A SRA. FAZ POR OBRIGAÇÃO?
9)	QUAIS ATIVIDADES A SRA. MAIS GOSTA DE REALIZAR E POR QUÊ? QUAIS MENOS GOSTA E POR QUÊ?
10)	O QUE TE LEVA A FAZER COISAS QUE NÃO GOSTA? E COISAS QUE GOSTA?
11)	QUAIS ATIVIDADES SÃO MAIS FÁCEIS DE FAZER E QUAIS SÃO AS FACILIDADES? E AS MAIS DIFÍCEIS E QUAIS SÃO AS DIFICULDADES?
12)	COMO A SRA. RESOLVE AS DIFICULDADES QUE ENCONTRA NESTAS ATIVIDADES DIFÍCEIS?
13)	QUANDO A SRA. COMEÇOU A FAZER ESSAS ATIVIDADES NA SUA VIDA? COM QUEM APRENDEU?
PANDEMIA	
14)	COMO VOCÊ VÊ A PANDEMIA?
15)	QUE TIPO DE CUIDADO VOCÊ TOMA?
16)	COMO VOCÊ VÊ O SEU DIA-A-DIA NA PANDEMIA? Dica: algo mudou? O que?
17)	COMO ESTÁ SE SENTINDO NA PANDEMIA?
18)	TEM MAIS ALGUMA COISA QUE A SRA. GOSTARIA DE ME DIZER? OU ALGO QUE EU NÃO PERGUNTEI E QUE A SRA. ACHE IMPORTANTE COMPARTILHAR?
19)	QUAIS MULHERES VELHAS QUE FAZEM ESSAS OCUPAÇÕES QUE A SRA. FALOU (DESCREVER AS OCUPAÇÕES CITADAS AO LONGO DA ENTREVISTA), VOCÊ ME INDICARIA PARA EU CONVERSAR? PORQUE A SRA. INDICA ESTA MULHER ESPECÍFICA? Dica: Tem que ser uma mulher que não está demente... quero entender como ela vive, como é o dia a dia dela...